



RIMANTES

POEMAS PRODUZIDOS NO CURSO NA RIMA,
MINISTRADO POR ANTONIO NÓBREGA

Organizadores: Antonio Nóbrega, Edite Colares, Jorge Magoo Fortuna,
Juvenal Bernardes, Luiz A. Fernandes e Maurício C. Delamaro



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR

Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR

Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso

Francisco Horácio da Silva Frota

Francisco Josênio Camelo Parente

Gisafran Nazareno Mota Jucá

José Ferreira Nunes

Liduina Farias Almeida da Costa

Lucili Grangeiro Cortez

Luiz Cruz Lima

Manfredo Ramos

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Marcony Silva Cunha

Maria do Socorro Ferreira Osterne

Maria Salete Bessa Jorge

Silvia Maria Nóbrega-Therrien

INSTITUTO BRINCANTE

PRESIDENTE

Antonio Nóbrega

VICE-PRESIDENTE

Eugênia Maria Nóbrega de Almeida

DIREÇÃO ARTÍSTICA E PEDAGÓGICA

Rosane Almeida



RIMANTES

**POEMAS PRODUZIDOS NO CURSO NA RIMA,
MINISTRADO POR ANTONIO NÓBREGA**

**Organizadores: Antonio Nóbrega, Edite Colares, Jorge Magoo Fortuna,
Juvenal Bernardes, Luiz A. Fernandes e Maurício C. Delamaro**

Ed 
UECE



**1ª Edição
Fortaleza - CE
2022**

Rimantes - poemas produzidos no curso Na Rima, ministrado por Antonio Nóbrega

© 2022 Copyright by Antonio Nóbrega, Edite Colares, Jorge Magoo Fortuna, Juvenal Bernardes, Luiz A. Fernandes e Maurício C. Delamaro

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Cleudene de Oliveira Aragão

CAPA

Erica de Carvalho

DIAGRAMAÇÃO

Narcelio Lopes

REVISÃO

Sandra Regina de Souza

Catálogo da publicação na Fonte

Bibliotecária – Meirilane Santos de Morais Bastos CRB-3/785

R575 Rimantes: poemas produzidos no curso na rima, ministrado por Antonio Nóbrega [recurso eletrônico] / Antonio Nóbrega... [et al]. – Fortaleza: EdUECE, 2022. 189 p. il.

ISBN: 978-85-7826-857-2

1. Literatura comparada. 2. Poética. 3. Rimas.
4. Nóbrega, Antonio (Org.). 5. Colares, Edite.
6. Fortuna, Jorge Magoo 7. Bernardes, Juvenal.
8. Fernandes, Luiz A. 9. Delamaro, Maurício C. I.

Titulo.

CDD 808

Todos os direitos reservados

Editora da Universidade Estadual do Ceará - EdUECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 - Campus do Itaperi - Reitoria - Fortaleza - Ceará

CEP: 60714-903 - Tel: (085) 3101-9893

www.uece.br/eduece - E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



Apresentação,

por Antonio Nóbrega

Foi motivado pelo curso **A Arte do Brincante** para educadores, em que ministrei o módulo **A palavra poética**, que resolvi levar adiante o projeto de incentivar a prática da poesia popular brasileira. Com esse propósito decidi instituir no Instituto Brincante o curso **Na Rima**, uma versão mais completa daquele apresentado no A Arte do Brincante. Assim sendo, uma vez por semana, a cada primeiro semestre do ano, me encontro com letristas, músicos, artistas em geral, curiosos e amantes da poesia em uma das dependências do instituto para escrever e tirar versos juntos. O escopo do curso tem sido, principalmente, o de incentivar o exercício da poesia por meio das modalidades poéticas populares do país, formas de expressão presentes na quase totalidade das manifestações culturais populares do país como congadas, bois-bumbás, folias-de-reis, maracatus, batuques etc.

Como gênero independente, todavia, foi na região sertaneja do Nordeste onde ela mais se desenvolveu. Um complexo de fatores econômicos, sociais e culturais fez com que a partir dessa área florescesse uma das mais versáteis coleções de gêneros e modalidades poéticas do planetinha. Alguns livros catalogam para mais de cem delas...

Normalmente tenho me contentado em exercitar com os alunos de dez a quinze modalidades, o que dá pano para as mangas para o fazer poético, mesmo porque, muita modalidade comporta variantes. O fato é que desde que dei início a esse projeto de aulas – lá se vão uns seis

anos –, cada vez fico mais entusiasmado e animoso com ele. A receptividade tem sido cada vez maior e, o que é prazeroso de ver, dentro de um ecletismo etário relevante.

Uma das razões, penso eu, desse vivo interesse por esse gênero de poesia, talvez se deva à natureza lúdica dessa forma de fazer poesia. Trata-se de uma poesia de natureza oral – isso não significa iletrada – fundamentada no sempre lembrado lema dos cantadores nordestinos: *rima, métrica e oração*. Pode-se dizer que essas três palavrinhas simbolizam a plataforma *existencial* da poesia popular brasileira, ou seja, os três itens indispensáveis através dos quais o jogador-poeta terá de armar o seu jogo-poema. É, portanto, sobre o tabuleiro formal das modalidades poéticas rimadas e metrificadas que o poeta-rimante divulgará para o mundo a sua oração, ou seja, o seu pensamento, sua ideia, sua mensagem, o seu fora... etc.

O presente Livro é um exemplo vivo do que estou afirmando. Durante pouco mais de três meses, ou precisamente 15 aulas, essa turminha de rimantes saiu da quadrinha à sextilha, dela ao quadrão e dele à décima de onze sílabas. Ou seja, começaram por redigir estrofes constituídas por quatro versos de sete sílabas, a tal da redondilha maior – a menor é formada por versos de cinco sílabas –, até chegar à cumeeira das modalidades poéticas populares, o hendecassilabo na classificação dos gramáticos e o Galope à beira-mar, na nomenclatura dos que o inventaram.

A turminha que escreveu os versos que vocês lerão logo em seguida foi uma das turmas desses cinco anos do Na Rima. A nenhum dos rimantes ensinei a fazer poesia, como não ensinei a nenhum das demais turmas anteriores. O que procurei lhes passar foram modos de canalizar

as suas *sensibilidades, visões de mundo, ideias, reflexões*, pelos túneis e canais das modalidades constituintes da poesia popular brasileira-nordestina.

Dito isso, e convidando a tudo o que é gente à leitura desse ramalhete poético, fico no aguardo de que essa forma de fazer poesia seja encarada no Brasil com a mesma seriedade, respeito e atenção reservadas a outras formas de fazer poesia que, de além-mar, nos frequentam.

Quanto a vocês, *Rimantes*: oxalá não parem de empunhar, jamais, suas vozes poéticas.

Sumário

Apresentação, por Antonio Nóbrega ★ 5

Apresentação, pelos organizadores ★ 12

Quadras

Joana, vem pra vida ★ 15

Pessoa ★ 17

Lua ★ 18

Dezesseis de fevereiro ★ 19

Homem vaga-lume ★ 20

Eretamente ★ 22

Iemanjá ★ 23

Ar de poesia ★ 24

Araruna ★ 25

A saga do medroso ★ 26

Sonho na madrugada ★ 27

Capitães da areia ★ 28

Sextilhas

Delírio de poeta ★ 30

Perdeste-a, playboy! ★ 31

Introspecção ★ 32

Sextilha do som ★ 34

Sextilha de vogado ★ 35

Licença para entrar ★ 36

A saga de um (novo) povo ★ 38

Memórias Quintaleiras ★ 43

Sextilhas ★ 44

Cordel da onça e do sapo ★ 45

Ah! Vovó Alice... ★ 48

Sextilhas com admiro

- Prudentista ★ 52
- Numa noite clara ★ 53
- Um admiro à cabeçuda ★ 54
 - Mulher ★ 55
- Admirável infância ★ 56
 - Urgente ★ 57
- Sem título ★ 58

Sextilhas gêmeiras

- Matuto ★ 60
- A gêmeira do povo ★ 61
- A gêmeira de amor ★ 62

Setilhas

- Sem título ★ 64
- A morada do Sertão das Cotias ★ 65
 - Sem título ★ 67
- Sopro feito de viagem ★ 68

Carretilhas

- Sem essa de pé quebrado ★ 70
- Carretilha da carretilha!!! ★ 73
 - Como passarinhos ★ 74
 - Sem título ★ 75
 - Firmamento ★ 76
- Carretilha delas ★ 78
- Carretilha dos sem-noção ★ 80
 - Linda mulher ★ 81
 - Manoel ★ 83
 - Biblioteca paterna ★ 84
 - Quintais Brincantes ★ 85
 - Sentimento interessante ★ 87
- Carretilha da vingança ★ 88
- Carretilha pra Coroa Encarnada ★ 90
- Foto palavra do que é feito ★ 92

Coqueiros da Bahia

- Sem título ★ 95
- Coco do forasteiro ★ 96
- Sem título ★ 98
- Um coqueiro pra uma flor ★ 100
- Um ex-mal-amado ★ 102
- Sem título ★ 104

Quadrões

- Sem título ★ 107
- Adivinhaças ★ 108
- Nonsense ★ 112
- Festejo onírico com Patativa do Assaré ★ 113
- Quadrão (Em memória de minha mãe) ★ 114
- Um romance Beira-céu ★ 115
- 19 de abril: que dia é esse? ★ 117
- À tia Graça ★ 119

Romances

- Romance da ancestralidade ★ 122
- O finado ★ 125
- Romance dos meninos do couro ★ 127
- A peleja ★ 129
- Dois amores ★ 131
- O romance da moça que cantava ★ 132
- O gavião e a bicharada ★ 133
- Romance do Encante ★ 135

Décimas de sete sílabas

- Gente que “arteia” ★ 139
- Décima dos marujos ★ 140
- Recorte ★ 141
- O Carcará ★ 142

- Ao Mestre Antonio Nóbrega ★ 143
Pra que serve? ★ 144
Poeta, poesia ★ 146
O Pavão ★ 148
Uma singela homenagem aos guardiões da floresta ★ 149
Nobre poeta popular ★ 151
A história do amor de João e Rosa ★ 152
Décimas aos Mestres e brincantes ★ 153

Martelo agalopado

- Dom Quixote sem moinhos ★ 155

Galopes à beira-mar

- Romance de Santa Sarah Kali ★ 157
Sem título ★ 159
O Galope do Carnaval da Saudade ★ 160
Galope de Ogum e Iemanjá ★ 163
Sem título ★ 164

Outros

- O Lancelotti brasileiro ★ 166
Vem, amiga poesia, acalenta minha alma ★ 168
O caranguejo ★ 170
Coqueiro dos primos ★ 171
Baiana amada ★ 173
Sem título ★ 174

A experiência, pelos Rimantes

Os Rimantes

Apresentação, pelos organizadores

*O povo diz numa trova
de jeito bem-humorado:
“Lá no meio do quintal
tem um tacho de melado;
quem não sabe fazer verso
é melhor ficar calado”.*

Mas como ficar calado
quem tem a boca cantante?
É que nem pedir ao sol
pra não ser tão radiante!
Quem tem alma de poeta
nasceu para ser *rimante*.

Pois foi por ter boca e sonhos
e por querer desvendar
os segredos que a poesia
esconde no seu tear,
que uns vinte e pouco aprendizes
se dispuseram a rimar.

Inscreveram-se no curso
do Instituto Brincante,
cujo leme é manejado
por um artista brilhante:
o Mestre Antonio Nóbrega,
seu valoroso almirante.

Conduzidos pelo Mestre,
visitaram várias formas
consagradas pelo povo,
o qual impõe regras, normas
rigorosas e precisas
e às quais seus versos conforma.

Do curso nasce este livro,
florilégio onde rebrilha
a quadra, o coco, o galope,
o martelo e a carretilha;
rebrilha o verso de 7,
a famosa redondilha.

Que o leitor aqui encontre
motivos para sonhar.
Que estes poemas inspirem
outros que queiram rimar,
porque boca de poeta
foi feita para cantar!



Quadras



Joana, vem pra vida

Mariana Benchimol

A Joana acorda e vai
direto pro celular.
Toma um belo café
e vai logo trabalhar.

Uma hora de trajeto,
no caminho, só vê tela.
Não dá bola para fora,
não espia a janela.

Por longe de sua vista,
ah, nossa! Quanta beleza!
Árvores, pássaros, sol,
presentes da Natureza.

Quando está no trabalho,
não tem imaginação.
Cabeça adormecida
por tamanha conexão.

Ou será desconexão
com o mundo lá de fora?
Cheiro, tato, paladar;
intuição? Não senhora.

Ôh, Joana! Deixe disso!
Largue as redes sociais.
Uma vida de telinha
já ninguém aguenta mais!

Essas histórias de likes,
curtidas e coisa e tal
não refletem quase nada,
fake news sentimental.

Ôh, Joana! Vem pra vida!
Vamos viver de verdade.
Sentir todos os sabores,
degustar realidade.

Pessoa

Paulo Albuquerque

Quando leio algum poema
tão profundo do Pessoa
fico preso num dilema:
como pode ser tão boa

a poética de alguém?
Como pode um ser humano
versejar assim tão bem?
Ele não é desse plano.

Deve ser do mais além
ou então é do futuro.
Só sei que seu verso vem
acender meu quarto escuro.

Refletindo e ponderando
num momento meio à toa
descobri que ser Fernando
não é pra qualquer Pessoa

Lua

Victor Hugo Rego

Você chega e acende
a noite com sua luz.
E reflete em todo mar,
mesmo pequena, reluz.

Você vem com suas fases
e em tudo você influi.
Com diferentes tamanhos
cada fase se conclui.

Uma mais bela que a outra,
mas prefiro você cheia.
Tudo parece estar pleno,
você chega me incendeia.

Você parece mais perto,
parece que tem poder.
Eu acredito que tenha,
talvez o de sempre ser.

Dezesseis de fevereiro

Marcos Oliveira

Dezesseis de fevereiro,
uma noite de magia,
espantou o nevoeiro
desses tempos, desse dia.

Palavrinha enquadrada
pela luz da poesia,
lava a alma castigada
desses tempos, desse dia.

Já não lembro da amargura.
Nem mais sei o que fazia
pra aguentar a vida dura
desses tempos, desse dia.

Dezesseis de fevereiro,
encontrei quem me trazia
um farol no nevoeiro
desses tempos, desse dia.

Homem vaga-lume

Juvenal Verdades

Assim como o vaga-lume
Cantado pela poeta,
Cuja luz atravessava
A treva como uma seta,

Os homens, seres de terra,
Forma no barro moldada,
Somos pó e pó seremos
Ao final dessa jornada.

Mas sendo só a matéria
Que Deus do céu nos empresta,
É neste barro finito
Que a luz se manifesta.

E precisamos brilhar
Como o sol durante o dia,
Ir pr'além do ordinário,
Garimpendo a poesia,

Diamante adormecido
No fundo do rio-palavra,
E cujo brilho intenso
Jorrrará da nossa lavra.

Eu quero ser vaga-lume,
Garimpeiro que ilumina,
Fazer luz, inda que pouca,
Com meu verso-lamparina.

E assim, quem sabe, depois
De a matéria se acabar,
Que eu seja seta de luz
Nos versos que alguém cantar.

Eretamente

Maurício C. Delamaro

Lábio, canino, goela,
dedo, unha e cutícula.
De esguelha, olhando ela,
atento a cada partícula!

Nuca, umbigo, costela,
íris, palato, aurícula.
Se chego mais perto dela,
é suador de canícula!

Lágrima, cuspe, remela,
pentelho, muco, película.
Aleph que se revela
oceano na gotícula!

Joelho, bunda, canela,
mamilo, nariz, clavícula.
Encantação que modela
esta impudica quadricula!

Iemanjá

Edite Colares

Amanheceu no domingo
Vontade de ir ao mar
Mergulhar nas belas ondas.
Saudade de ir nadar

Reteve-me a covid
Desolada a cismar.
Cuidado e não olvide,
Em casa deve ficar

Sair neste belo dia,
Imprudência evitar
Aprende com paciência
A lição de Iemanjá.

Banho de sabedoria
Isolada ir ficar.
Vida, mar e alegria
Não tardarão a voltar.

Reflete bem, e medita,
Ouvindo ondas do mar.
A fúria da natureza,
Ouve, ela quer ensinar.

Paz, bondade e respeito
A terra vem a clamar.
Não é só a tua vida,
É sobre saber amar.

Ar de poesia

Raquel Coelho

Pelo ar que eu respiro
entra pó e sai poesia,
sai soneto, sai quadrinha,
sai até fotografia.

Serei tua sem sigilo:
da poesia uma guerreira,
na leveza do estilo,
da palavra jardineira.

E volta a ser ar o intento,
da estrofe ventania.
Verso que voa no vento,
com sentido e simetria.

Araruna

Emanuelle Justino

É uma palavra indígena:
Passarinha brasileira.
Em Natal, nome de dança.
Faz do chão subir poeira.

Coisa linda de se ver
Numa noite de São João:
O Araruna apresentar
A cultura de salão.

E revelando um passado
Com a dança do Sertão
Mestre Cornélio ensinou,
Celebrando a tradição.

A saga do medroso

Teresinha de Oliveira Ledo Kersch

Na bela Taperoá
conheci cabra medroso,
que tinha medo de tudo
e sofria pesaroso.

Resolveu fazer promessa
por futuro prazeroso.
Clamou “Santo Expedito!”;
na reza foi primoroso.

Mas nem o santo deu conta
de torná-lo corajoso.
Sumiu no meio do mundo.
Oh! Destino tenebroso!

Sonho na madrugada

Sérgio Lins de Albuquerque

Vi o orvalho na flor,
lágrimas da madrugada,
se despedindo da noite,
essa amante malvada.

Surge altivo o sol,
faz tudo evaporar,
luz ao final de um túnel,
para meu dia aguentar.

Mas com força vem a lua
e com uivos vou cantar;
montanha-russa da vida,
vai, vem... é meu caminhar.

Capitães da areia

Otávio Alencar

Somos os donos das ruas
De todo esse chão de areia.
Poetas à luz da lua
Da estrela que gorjeia.

Somos os donos do mar,
Do ímpeto sopro quente.
Capitães a navegar
Nas asas do sol poente.

Somos partes de uma sina
Das mil correntes de sal.
Protetores na matina,
Defensores do ancestral.

Somos livres melodias
Mesmo em peças obscuras.
Irmãos de uma harmonia
Em um mundo de securas.



Sextilhas



Delírio de poeta

Dan Marinho

Delirei que era gigante,
um craque da poesia.
Espirrava e vinha verso,
uns dois a três mil por dia.
Corrigia João Cabral
e Bandeira aplaudia.

Chegava em São Zé do Egito
com cara de Invocado.
Deixava Louro no chão,
Zé Catôta estatelado.
Com facão na minha língua
eu prendia o delegado.

E se é pra imaginar,
veja só a minha trupe.
Só andava com nó cego,
Raul, Zé e Trupizupe,
Vinicius e Chico César,
não que a fama me preocupe

Ariano pede bença,
Cecília quer atenção,
Baleiro me telefona
e me implora uma canção,
até Science, lá do céu
me pede uma revisão.

De repente, um barulho.
Tudo some, que pavor.
Impõe-se a realidade,
já tá sol e tá calor.
Vai-te embora trabalhar,
me diz o despertador.

Perdeste-a, playboy!

Maurício C. Delamaro,

a partir de diversas traduções de
“A cidade” de Konstantinos Kaváfis

Tu dizes: “Embora irei
desses fracassos daqui!
Melhor país acharei,
sem o fedor que tem aqui,
com bom povo e com lei.
Cá tentei, mas ressequi.”

Mas pra fugires de ti,
não acharás nenhum porto.
Podes ir daqui pra ali
mas estarás neste horto,
vivendo como um zumbi,
até que te acabes. Morto.

Ao desperdiçar tua vida
neste subúrbio – que encerra
tanto sonho e tanta brida,
pouca paz e muita guerra –
para além da despedida,
perdeste-a por toda a Terra.

Introspecção

Sérgio Lins de Albuquerque

Do litoral ao Sertão,
para descarbonizar,
sentir de novo a vida,
na Caatinga galopar,
esquecer minhas estórias,
e do irmão escutar.

Do litoral ao Sertão,
para reorganizar,
me desprender da soberba,
e sem orgulho tornar,
escutar a natureza,
e em Ser... transfigurar.

Do litoral ao Sertão,
para reconectar,
desligar minhas antenas,
e no chão me aterrar,
então cultivar raízes,
e de novo rebrotar.

Do litoral ao Sertão,
para redimensionar,
esquecer os meus valores,
para poder ampliar,
corpo e alma juntar,
e plenamente amar.

Do litoral ao Sertão,
para proporcionar,
caminhos ao interior,
profundo introspectar,
cortando a própria carne,
quando ao fim, então, chegar.

Do litoral ao Sertão,
Sertanejo me tornar,
e nunca mais esquecer
o valor desse lugar.
Sertanejo e Sertão,
desta vez entrelaçar.

Sextilha do som

Raquel Coelho

Dedilhada pelo tempo,
a viola enlutarada
assovia uma cantiga
pelo vento assoprada.
Voz que no mundo canta
o som que o corpo embala...

Som, vibração infinita!
Me chama, me arroteia...
Me sacode e dá um soco,
me conquista e pisoteia.
Namorado ardiloso,
gruda no corpo: areia.

Som de tambor, som de lata!
Som de corda esticada!
Som de uma flauta doída,
e som de alma lavada.
Alegria desmedida,
e alma bombardeada.

Uma vida te ouvindo
sem nunca haver desencanto.
Cochichado no ouvido
ou forte, maior que o pranto.
Som, vibração infinita!
Carícia e porrada: canto!

Delícia e desespero,
prazer e meditação;
Um centro dentro do centro!
Ponto passivo e de ação.
Lava a alma de quem canta,
ilumina a multidão.

Sextilha de vogado

Caetano Gisi

Na beirada do Rio Negro
encontrei uma menina
faladeira e curiosa
quis saber qual minha sina
meu ofício e profissão
como a dela, bailarina.

Disse sou escrevedor
pra esconder a ocupação
de vogar burocracia
essa borralha ficção
disse só que escrevo cartas
sem muita publicação

Meu ofício é irrequieto
batalhas feitas de vento
tramas sopradas nas pedras
de uns ouvidos sem alento
mas destilo leves gotas
encantando cada intento

Licença para entrar

Edite Colares

Nesta sala de autores,
fecundos de maestria.
Encontram-se aqui senhores,
que mesmo sem os louvores
cantam a sua poesia.
Dia noite, noite dia.

Não gostam nem de falar
das suas estripulias
São doutores no amar,
que acreditam cantar.
E cantam com alegria.
Dia noite, noite dia.

Versejam aos seus amores.
Cantam a sua poesia.
Sem alimentar horrores,
contam ao povo as dores
e também as alegrias.
Dia noite, noite dia.

Nesta sala, estudar.
Faço com boa alegria.
Queria poder ficar
mais tempo para rimar
amor com a poesia.
Dia noite, noite dia.

De Nóbrega ler, falar.
Juvenal, uma alegria.
Sálua a nos animar,
na fala reencontrar
o lugar da harmonia.
Dia noite, noite dia.

Queria fazer chegar
uma vida de poesia.
À gente do meu lugar
corpo, alma, agonizar
em busca de poesia.
Dia noite, noite dia.

A saga de um (novo) povo

Cosme Freire Marins

Vou contar uma história
de muito tempo atrás
que remonta a mistérios
que nem sei se sou capaz
de explicar como devo
todo fato que subjaz.

Um povo muito antigo:
de “ébanos”, eram chamados.
Viviam no Além-mar
locais caracterizados
por savanas e florestas
e desertos contemplados.

Importante ressaltar
fato muito olvidado:
aquele povo não pode
por ninguém ser estudado
como sendo um só povo
haja vista o que falo.

Era diverso, distinto;
sendo diversificado:
línguas e cosmovisões,
relações com o sagrado,
culturas, jeitos de ser
tudo muito observado.

De outro povo vou falar:
por “nevados” conhecidos.
Viviam em outras terras
geladas como tem sido
nesses e em outros tempos
como por muitos sabido.

Os nevados também eram
em vários povos cindidos
passaram por invasões,
por impérios aludidos,
os quais como quase tudo
depois da glória: falidos.

Na história cabe ainda
de outro povo falar
os “guarás”, de outras terras,
outro mundo, outro mar,
outros modos, outros deuses,
outras línguas – vou contar.

Não desejo parecer
papagaio da história
mas devo esclarecer
em nome de sua memória
dos guarás, que também tinham
motivos para sua glória.

Assim como os nevados
e os ébanos de outrora,
igualmente os guarás
não podem ficar de fora
dos povos que são plurais
do passado até agora.

Os três povos se ligaram
não por laços: por correntes.
Pois nevados adquiriram,
de maneira indecente,
ébanos, que foram vendidos
como se não fossem gente.

Os nevados dominaram
terras sagradas guarás.
Também lá escravizaram
seu povo, tirando paz,
saúde, soberania,
de maneira eficaz.

Muito tempo se passou.
Os grupos se misturaram,
e os mestiços nascidos
com ninguém aparentaram,
dos casamentos mestiços
ninguendade começaram.

À ningüendade depois
outros tantos se somaram:
muitas cores, muitas formas,
muitos ritmos se formaram,
mas também de muitas dores
os ningüéns se impactaram.

Para surpresa de muitos:
não é ruim ser ninguém!
Ser ninguém não é vazio,
ao contrário, vai além:
é ser um misto de muitos,
do valor que todos têm.

Ninguendade é mosaico,
não uma folha em branco!
É vivo caleidoscópio:
cores de gente, de santo.
É cadinho de culturas,
cobre todos tal qual manto.

Porém, essa ninguendade
é por muitos criticada:
teria herdado de uns
a fé desqualificada
mal sabem aqueles cegos
o quão é abençoada.

Dos outros, inda questionam
o que chamam de atraso
não entendem, ignorantes
(o que não é por acaso):
que a sua sabedoria
grande é, e eu embaso.

As elites que governam
os ninguéns atualmente
são herdeiras das antigas,
no nome, sangue e mente:
tratam a população
com um desprezo latente!

Já se foram ditaduras
com morte, perseguição,
ou “desaparecimentos”,
tortura, choque, prisão,
até hoje as elites
vibram à revolução!

Tem um “mito” no governo
melhor ser chamado “minto”:
mente, nega a ciência.
Desprezo é o que sinto
pois o mito que é minto
deveria ser extinto.

Tal qual nevados antigos
se acha superior,
despreza os descendentes
(não enxerga o valor)
dos ébanos e dos guarás,
aumentando a sua dor.

Nesta terra de ninguéns
há muitas coisas bonitas,
muita cultura, fé, arte
peço a ti que bem reflitas:
é justo que se maltrate
o povo cosmopolita?

Que é como um jardim,
podendo ser muito belo
bastando ter jardineiros
que cuidem dele: afeto,
cuidado e segurança.
Isso é tudo que peço.

Que possa tocar a todos:
para saber escolher
muito bem seus governantes
e que possam entender,
ao contrário do jardim,
cabe ao povo aceder.

Memórias Quintaleiras

Mariana Benchimol

Cada um dentro de si
guarda um sonho de quintal,
de chão de terra batida,
um tremendo festival
de fruta doce no pé,
chuva, sol e vendaval.

O perfume de quintal
impregna o ambiente.
Cheira a flor, fogueira, lama,
fruta, pão e bolo quente.
Tudo lembra o carinho
de vó que acolhe a gente.

E os bichos que tem lá?
Aparece até serpente!
Tem formiga, borboleta,
tem bichinho diferente.
O que vive no quintal
criança transforma em gente.

Também dizem por aí
que tem seres encantados!
Tem fadinha e gnomo,
o que for imaginado...
Como ensinam os pajés:
há um mundo inanimado.

Sextilhas

lurds

Veja só quanta riqueza:
quando você compartilha,
em versos, delicadeza,
o belo salta e brilha.
Do simples vem a beleza,
na forma de uma sextilha.

Cordel da onça e do sapo

Adaptado de uma lenda do povo Kamaiurá recolhida pelos irmãos Villas Boas. In “Xingu: seus índios, seus mitos”, 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1972.

Selma Monteiro

Lá na mata um sapo-boi,
cujo nome é Minori,
toda noite em cantoria
acordava o jabuti.
Só faltava uma gaita
na canção que eu ouvi.

Certo dia, o Minori
resolveu ver seu cunhado.
Este era uma onça,
bicho muito respeitado.
Foi pulando pela mata
e cantando, animado.

Seu amigo cururu
dele teve piedade,
pois a onça era maldosa,
não queria amizade,
atacava qualquer um,
era só lhe dar vontade.

Minori não tinha medo,
era muito decidido,
encontrou o seu parente
e fez logo um pedido.
Precisava de uma gaita,
isso lhe foi concedido.

Depois de tomar um banho,
a onça disse assim:
– Sei que está muito cansado,
você vai dormir enfim.
Eu também já tô deitado.
Minori disse que sim.

Mas pegou um vaga-lume
para sua luz roubar,
passou um pouco nos olhos
que brilharam ao luar.
A onça nem percebeu
que ele estava a ressonar.

Logo que amanheceu,
deu uns berros colossais.
Sapo-boi não respondeu,
e a fera gritou mais.
Minori abriu os olhos:
– Acho que dormi demais!

E a onça enfurecida
viu que fora enganada.
Resolveu tentar de novo
na lagoa e na estrada,
mas, na volta à aldeia,
ela estava mais frustrada.

Lá chegando, o Minori
despediu-se e agradeceu
os presentes que a onça
falsamente ofereceu.
Foi pra estrada assobiando,
e logo entardeceu.

A onça não desistiu,
se escondeu e foi atrás
mas o sapo, logo, logo,
descobre o que ela faz.
Ele pega o seu arco
e atira num zás-trás.

Mas a onça se desvia,
e a flecha o sapo erra.
A fera muda seus planos,
mas a rixa não encerra:
vai até o lar das cobras,
convocando para a guerra!

Instruiu o general
para o ataque a Minori.
Prepararam um belo plano,
tomando um açai.
Construíram uma armadilha,
Em que eu quase caí.

Mas o sapo sempre astuto
pôs-se a salvo novamente.
Deu um pulo e foi pro céu,
tapeou onça e serpente.
Irritada, a fera então
engoliu sua assistente.

Lá na Lua, o Minori
vive hoje e menospreza
quem queria sua morte,
o cunhado, a onça lesa.
Toca gaita até hoje
e a noite embeleza.

Ah! Vovó Alice...

Sérgio Lins de Albuquerque

Ah! Minha Vovó Alice,
Que lembranças boas me dá.

Noites de minha infância,
você contando estórias,
para meu sono chegar,
em todas minhas vitórias,
saudades do seu vibrar,
são tantas minhas memórias.

Do velho fogão de lenha,
você na arquitetura,
obras-primas pro jantar,
com verdadeira mistura,
coloca no cozinhar,
tempero, cor e ternura.

Das galinhas no terreiro,
todas a cacarejar,
dando volta no canteiro,
o milho pro seu jantar,
sem nunca imaginar,
que seu dia vai chegar.

Ah! Minha Vovó Alice,
lembranças boas me dá.

Cambiteiro Caranguejo,
no burro a pinotar,
dentro dos canaviais,
numa luta de lascar,
com seu sorriso dizendo,
eu gosto deste lugar.

Do velho carro de boi,
seu som de arrepiar,
do carreiro, boi Juá,
juntos neste caminhar,
no tempo, na tradição,
lapidei o meu olhar.

Vovô Amaro gritando:
“Raul...sela o cavalo,
pra Serginho cavalgar...”
momento de intervalo,
para deixar de pensar.
Liberdade sou vassalo.

Ah! Minha Vovó Alice,
lembranças boas me dá.

Do companheiro Raul,
sempre fiel a traquinar,
pescando, jogando bola,
sonhos a imaginar,
no mundo de ilusões,
só nos resta recordar.

Do meu cavalo Guindaste
cavalgando, livremente,
neste mundo sem problemas,
dos sonhos, literalmente,
no campo das emoções,
qualquer um fica demente.

Das noites de São João,
dos forrós e das morenas,
cheiro de embriagar,
perfumes de açucenas,
pensando em se casar,
recita dez mil novenas.

Ah! Minha Vovó Alice,
lembranças boas me dá.

Ah! Minha Vovó Alice,
como foi bom me lembrar...
pra poder lhe demonstrar,
que a força do somar,
seu jeito de educar,
é tão forte quanto o mar.

Como foi bom me lembrar...
E me tornar pensador,
e também pra lhe falar,
encanta-me com ardor,
que você pra aclamar,
que nem a mais bela flor.

Ah! Minha Vovó Alice,
lembranças boas me dá.



**Sextilhas
com admiro**



Prudentista

Milton Karam

Eu admiro o dentista,
me deixar tão sorridente.
No céu da boca ele avista
mais uma estrela cadente.
Ou precisa de oculista
ou não é nada prudente.

Numa noite clara

Cristiano Hanssen

Admiro o vasto céu
que embrulha o Universo.
De dia, esconde as estrelas.
Mais tarde, faz o inverso.
E a noite, que é criança,
cai do berço deste verso.

Admiro quando as nuvens
despejam seu chafariz.
E a terra retribui
com lavanda, cravo e anis.
Um tesouro que se encontra
bem debaixo do nariz.

Admiro quem conhece
o regime da maré.
Quem prevê as tempestades
e avisa, amigo é.
Evita um deus nos acuda,
não deixa falhar a fé.

E admiro a lua cheia
que alumia todo o céu,
as longas ondas do mar,
e a terra pro povaréu,
sob o clarão do luar,
não vagar de déu em déu.

Um admiro à cabeçuda

Caetano Gisi

Admiro a persistência
da formiga cabeçuda
abre roça todo dia
não se cansa nem se apura
leva tudo pro buraco
come toda sementeira

Me admira a cara dura
da formiga cortadeira
não me deixa nem um pé
de almeirão ou macaxeira
leva tudo pras fundura
essa formiga alcoviteira

E admiro a floresteira
que se inspira na saúva
planta tudo em sintropia
pra ver floresta madura
não mata nem envenena
aprende com formosura.

Mulher

Edite Colares

Admiro é a mulher,
que não é fácil de ser.
Corre, corre, todo dia,
quer liberdade viver.
Vencer toda agonia,
sem vaidade perder.

Admiro não por beleza,
mas por a vida fazer,
com trabalho, alegria,
a história florescer.
Conhecendo seu lugar.
e sem nunca se perder.

Admiro sua força,
a tarefa de criar.
Fazendo ver a beleza,
à criança ensinar.
E assim com sutileza,
nossa terra transformar.

Admirável infância

Mariana Benchimol

Admiro a criança
que acaba de nascer,
como um sopro de esperança,
como um novo amanhecer,
estrelando uma dança,
embalando o meu ser.

Admiro o bebê
que até mesmo sem falar,
comunica a sua mãe
que é hora de mamar.
Basta ter uma fominha
que não para de chorar.

Admiro a criança,
ainda pequenininha,
subir logo em uma árvore,
se sentindo joaninha.
Apesar de bem pequena,
é esperta e ligeirinha.

Urgente

Jorge Magoo Fortuna

Admiro seu olhar,
forte como seu amor.
Que jamais deixou de amar,
mesmo quando sentiu dor.
Agora vou viajar
para sentir o seu calor.

Admiro sua boca,
úmida e muito quente,
que já tanto me provoca,
pra te amar ardentemente.
Seu sabor sempre me choca
e te sentir é urgente.

Admiro sua pele,
com cheiro doce de vida.
que você não se rebele
e não seja proibida.
Que nosso amor se revele,
pra sempre, minha querida.

Sem título

Sálua Chequer

Admiro tanta coisa
esparramada no mundo:
passarinho, formigueiro,
um prosear bem fecundo,
gente cantando bonito
e um olhar bem profundo.

Admiro e não nego,
plantas que nascem em frestas
implorando pra viver.
E vem gente que não presta:
arrancando as bichinhas,
tira tudo, nada resta.



**Sextilhas
gemedadeiras**



Matuto

Eugênio Tadeu

Você diz que sou matuto,
matuto sou de primeira.
Quero ver você coar
o fubá nesta peneira.
Eu lhe digo o que faço
ai, ai, ui, ui,
para entrar na brincadeira.

Pra entrar na brincadeira
tem de ter muita alegria.
Inventa e canta um verso
com intento e maestria.
Junta letras e palavras
ai, ai, ui, ui,
pra jogar nessa folia.

Todo verso que invento
é um modo de pensar.
Cada linha que escrevo
é um mote pra cantar.
Eu daqui junto ideia
ai, ai, ui, ui
e uma história pra contar.

A gemedeira do povo

Juvenal Verdades

No Brasil desgovernado
Pela besta assassina,
O preço de tudo sobe,
Do arroz à gasolina,
E pra piorar a coisa,
Ai, ai, ui, ui,
Pro povão não tem vacina.

Quem é pobre, a besta oprime,
Dono de banco ele mima;
Protege a família,
A floresta ele dizima;
O povo geme cá embaixo,
Ai, ai, ui, ui,
A elite ri lá em cima.

A gemedeira do povo
Tem data pra acabar:
Em 2022
Quando a gente for votar.
Quem vai gemer no final
Ai, ai, ui, ui,
Vai ser a besta sem par.

A gemedeira de amor

Juvenal Verdades

A porta geme é de velha,
Ela não geme de dor.
Quem geme de dor é gente
E bicho, se sofredor.
Eu, porém, vivo gemendo
Ai, ai, ui, ui,
É por não ter um amor.

Meu gemido matutino
Acorda a passarada;
Vésper ouve o meu gemido
E geme também, coitada.
O meu gemido anoitece,
Ai, ai, ui, ui,
Seresta sem namorada.

E de tanto assim gemer
A dor que deveras sinto,
Meu verso já desconfia
Que lá no fundo eu minto:
“És um fingidor, poeta,
Ai, ai, ui, ui,
Perdido num labirinto”



Setilhas



Sem título

Maria de Souza

Pelejei com as palavras,
quis fazer verso bonito;
e quanto mais escrevia
ficava muito esquisito.
Rabisquei de toda forma,
estudei em cada norma
e não brotava, o bendito!

Apelei pros santos todos
não quis ser tão pessimista.
Rezei o terço todinho,
entrei num templo budista.
Me deu surra a rezadeira
com os galhos de aroeira.
E os versos? Perdi de vista.

Desatinei pelo mundo.
Dormi em banco de praça,
passei fome, passei frio,
todo tipo de ameaça.
E pro meu entendimento,
depois de tanto tormento,
fiz esse verso de graça.

A morada do Sertão das Cotias

Maurício C. Delamaro & *lurds*

Entrei naquela cidade
e encontrei quem me disse
que lá tem muita festança
e que não ir é tolice.
Tomei pinga e uma gelada,
antes da vaca atolada
que me fez fã da Alice.

Hoje sei quanta burrice
é perder um afogado,
nos vermelhos do Divino.
Tem de ser muito lesado
pra não ir no Pé na Cova,
pois quem brinca se renova,
vestindo-se de assombrado.

Passear pelo mercado
faz parte do luizar.
Esse verbo é inventado
mas é fácil de pegar
pra quem, vadiando na rua,
sempre acha quem possua
mais um causo do lugar.

Maracatu vem nos dar
o presente das heranças.
E quando vai indo outubro,
tem Saci e suas lambanças.
Tem marchinha, tem canção.
E quando chega o Sabão,
vão os velhos e as crianças.

Juca Teles, sem tardanças,
às doze desce a ladeira,
perguntando o que é viver
esta vida passageira.
Não tem resposta a cotia;
mas atina, na folia,
que a vida é brincadeira.

A cidade é verdadeira
fábrica de sapiência:
mestres Oswaldo e Aziz
são dois gênios da ciência.
Na eupidiana lira
tem canção, samba, caipira,
e da rede a cadência.

Do gozo dessa vivência
não disse eu a metade.
Em ser visita e turista
há aquele que se agrada.
Mas o tino é diferente
para a pessoa que sente
morar na gente a cidade.

Sem título

Mariana Benchimol

Nessa chuva de domingo
quero mesmo é namorar,
me enroscar com meu benzinho
num amor de se invejar.
Só quem já dormiu juntinho,
assim bem aninhadinho,
é quem sabe o que é amar.

Neste dia vou fazer
carne assada com polenta,
queijadinha e sorvete,
um banquete que alimenta.
Quem é bom de apetite
come tudo! E, acredite,
tendo mais, experimenta!

Sopro feito de viagem

Otávio Alencar

Tardei a me levantar
pois vi uma onça voando
e fiquei a questionar
se eu estava ali sonhando.
Dei de ombros e virei
mas de lado encontrei
uma preguiça me olhando.

Olhei então pro outro lado
e sei que não faz sentido
mas no canto, camuflado,
vi um jumento enxerido,
mangando na caradura
de um leão sem dentadura
que ficava ali escondido.

Dessa cena eu ri também
e já estava pra dormir
quando olhando mais além
vi uma cabra consumir
três garrafas de cachaça
se acabando de achar graça
da canção pro boi mugir.

E no auge da diversão
um tatu chegou a gritar:
“Saia já desse colchão,
Vai t’embora trabalhar!”
Acordei todo assustado,
pro trabalho atrasado
e sem ter como explicar.



Carretilhas



Sem essa de pé quebrado

Rosa Oliveira

Ter pés quebrados
não impede de dançar.
Basta só apreciar
as produções dos Arautos.
Sem preconceitos,
eis nossos vídeo-cordéis
muitas tintas e pincéis.
Deixem de ser tão incautos!

Nosso suingue
é bastante poderoso.
Não é papo presunçoso
e nem de equivocado.
Nós somos muitos,
cada um é diferente,
E assim é resistente,
sem essa de pé quebrado.

Com a muleta,
com a ajuda do parceiro,
em um embalo faceiro,
tudo vira requebrado.
Nossos pés doem,
mas as almas tão lavadas,
mesmo sem contos de fadas,
sem essa de pé quebrado.

Fiquem atentos
pro nosso baile de charme.
Com amor e sem alarme,
todo mundo convidado.
Somos “Arautos”,
nosso suingue contagia,
com esperança e magia.
Sem essa de pé quebrado!

Em nosso baile,
todo mundo pode ir,
como escolher se vestir,
sendo ou não sendo letrado.
Ninguém é VIP,
ninguém paga para entrar.
Vamos todos requebrar,
sem essa de pé quebrado!

Nosso DJ
toca todos nossos ritmos.
Não usamos algoritmos,
sai lento e endiabrado.
Nós recebemos
tanto gente quanto bicho.
Basta entrar no bochicho,
sem essa de pé quebrado.

As entidades
vão poder se chegar.
Curupira, Yemanjá,
todo o povo encantado.
Dos animais
vêm a cobra e a gambá.
Vão onça mais o preá.
Sem essa de pé quebrado.

Os bichos-gente
já entraram no embalo,
sem ninguém cantar de galo,
no passinho calibrado.
Pois meus amigos,
pro baile ser brasileiro,
tem de ser hospitaleiro,
sem essa de pé quebrado.

Carretilha da carretilha!!!

Sálua Chequer

Lembrei agora,
de uma outra carretilha,
que segue a sua trilha
marcando bem a costura.
Uma rodinha,
uma outra poesia
cheia de sonho, magia,
faz parte de outra cultura.

Lembrei agora,
das costuras, das modistas,
Pois eram boas artistas
na arte de costurar.
A carretilha,
cheia de muitos dentinhos
deixando lindos risquinhos
para a linha passar.

Como passarinhos

lurds

Santos Dumont
era meio avoadado.
Tinha um sonho aerado:
voar como os passarinhos.
Com avião,
de nome Quatorze Bis,
realizou voo feliz.
E abriu novos caminhos!

Sem título

Maria de Souza

Amanheceu
e um raio, na janela,
tilintou na platinela,
fez meu pandeiro acordar.
Ao meio-dia
o sol esticou o couro,
batuquei um som de ouro,
não consigo mais parar

Vem a tardinha,
me enche de esperança,
eu danço feito criança
com pandeiro a ritmar.
Noite bonita,
sem lua, mas estrelada,
eu e minha namorada,
outra voz que vem cantar.

É madrugada,
silencia aqui por perto
e eu tô de olho aberto,
ainda quero pelejar.
E no meu sonho
mestras e mestres comigo,
sambadeira, bem te digo:
não quero mais acordar.

Firmamento

Eugênio Tadeu

O sol poente
vai saindo de mansinho,
e a lua devagarinho,
para a noite clarear.
Lá vêm estrelas,
sentinelas fulgurantes,
tão brilhosas fumegantes,
nesse céu a passear.

Esse luar
que ilumina a noite escura,
faz brilhar sua candura
e meu peito a enamorar.
Enluarado,
o céu que me incendeia
me envolve em sua teia
com a lua a me embalar.

Na madrugada,
o silêncio da penumbra,
murmúrio que se vislumbra,
é canção a se aflorar.
No alvorecer,
no instante da aurora,
a lua é que vai embora,
para o sol se aproximar.

Durante o dia,
é o sol que ilumina,
lantejoula e purpurina,
vem ao mundo passear.
A sua luz,
que no céu se resplandece,
desde quando amanhece,
seu calor a foguear.

No firmamento
universo é um encanto,
cada coisa em seu canto,
cada qual em seu lugar.
Tudo combina
na beleza da mistura,
é um toque de finura,
noite e dia sem parar.

Carretilha delas

Keyane Gomes Dias

Como é que pode
crescermos acreditando
que príncipes cavalgando
chegarão pra nos salvar?
Quando é a gente
quem tanto já enfrentou,
batalhas atravessou
pra direitos conquistar!

Toda essa lenda
só serviu pra iludir
no plano de sucumbir
a mulher do seu lugar.
Patriarcado,
mundo velho descabido,
tenebroso e sem sentido,
ô projetinho vulgar.

Nossos saberes
são a matriz desse mundo.
Nossos ofícios fecundos
vão além de procriar.
E o nosso amor
não é virgem e nem bonzinho,
ele sabe dar carinho,
mas também sabe lutar.

Ainda é preciso
seguirmos a nossa luta
e nem pense que é disputa
o que se quer conquistar.
Nossos direitos
e a nossa liberdade
são um plano de equidade
coletiva e circular.

Carretilha dos sem-noção

Selma Monteiro

A vida é boa,
nossa terra é generosa,
tanta fruta saborosa
para nos alimentar.
E a natureza
está sempre se doando,
mesmo com gente a atacando,
e ela pode se acabar.

Mata queimando:
“É culpa de comunista”.
A desculpa egoísta
tapa o céu sem peneirar.
Se o vírus mata:
“O que eu posso fazer?”
Todo mundo vai morrer e
sua hora vai chegar”.

Mas o Brasil
não é a pátria da ganância,
é preciso vigilância
para sempre a defender.
Temos ciência,
atitude e emoção
pra vencer os sem-noção e
outra história escrever.

Linda mulher

Jorge Magoo Fortuna

Que linda boca!
Muito quente é seu beijo,
sabor de vinho com queijo,
que muito me faz lembrar.
Brilho nos dentes!
Seu sorriso me enlouquece,
um bom vinho nos aquece,
pra gente poder sonhar.

Que lindas mãos!
Aquecendo minha pele,
que o tempo se congele,
pra você me carinhar.
Que belas unhas!
No carinho me arranha,
e que sempre me assanha
me fazendo viajar.

Lindos cabelos!
Que me perco nos seus fios,
nas águas claras dos rios
que se encontram além-mar.
Amo seus olhos!
Revelando-se ao sorrir,
chego até me distrair,
impossível não amar.

Linda mulher!
Luz da Lua me encanta,
meu amor em ti se planta,
como os raios do luar.
Vou te amar!
Maré baixa me convida,
você é minha querida,
pra sempre vou te amar.

Manoel

lurds

Com pedra, sapo,
cacarecos sem valia,
Manoel faz poesia,
do ínfimo fere a essência.

Os seus poemas
são quais riscos multicores.
Telas de Miró, primores!
Apanhados de vivência.

Não é à toa!
Barros, o seu sobrenome,
lembra chão, ventre, abdome.
Telúrica congruência!

Biblioteca paterna

Teresinha de Oliveira Ledo Kersch

Como faz falta
a presença de meu pai,
ei, menina, se levanta
e guarda bem a lembrança
de outros tempos,
em que os causos ouvia,
coração estremecia,
regozijo de criança.

Hoje, adulta,
encontro-te nas histórias
e saltam-me as memórias
de raízes ancestrais.
Biblioteca
transformou-se em portal,
espaço atemporal,
pontes sobrenaturais...

Quintais Brincantes

Mariana Benchimol

Quintais Brincantes,
movimento brasileiro
que ocupa o terreiro
desse meu Brasil afora.
São paraísos
que acolhem as crianças
e nos enchem de esperanças
de um Brasil de outrora.

Daqueles tempos,
quando a Mãe Natureza,
com toda sua beleza,
era casa do caipora.
Em nossas práticas,
educar nossas crianças,
seus corpos, as suas danças,
liberdade a toda hora!

Um quente ninho
nesse tempo tão hostil
que passamos no Brasil;
ai, meu Deus! Nossa Senhora!
Fortalecer
educadoras potentes,
seus sonhos efervescentes;
unidas, vamos s'embora!

Tecer a rede
de Quintais pelo Brasil
de forma amável, gentil,
é como a gente adora.
Desejo flores,
diversidade, afetos,
bola, piões e bonecos,
o que a criançada implora!

Sentimento interessante

Victor Hugo Rego

Veja a tristeza,
sentimento interessante,
me deixa um pouco distante
desse mundo ensolarado.
Me causa dor,
até aperto no peito.
Penso que nada tem jeito,
vejo tudo tão nublado.

Os olhos tristes,
esses que sempre me entregam,
a todos tudo revelam,
que difícil disfarçar.
O interessante
que essa coisa da tristeza,
bem no fundo tem beleza,
basta saber onde usar.

Se for em arte
a beleza se revela,
a tristeza vira bela
e a todos causa emoção.
E quanto aos olhos,
não precisa disfarçar,
porque ninguém vai ligar
se eles são tristes ou não.

Carretilha da vingança

Raquel Coelho

Tu é lombriga,
um verme de pouco porte
espalhando fome e morte,
tu é estrume no ar.
Repugnante,
lazarento, genocida,
quadrilheiro, parasita,
tu só sabe vacilar.

Mas tu não sabe
que mexeu num formigueiro,
nem com todo teu dinheiro
tu consegues se safar!
Bora pra cima
nesse ritmo sincopado,
vou falante, vou calado,
desse verme me livrar.

Te atazanar,
acabar com a tua intriga,
como um bom galo de briga,
armado pra te bicar.
Pra te assustar:
meu tambor e meu pandeiro,
a viola e o violeiro,
estandarte a carregar.

Porta-bandeira,
Mestre-sala, capoeira,
jardineiro, cozinheira
vindos pra te atormentar.
Eu vou juntando:
o poeta e o cangaceiro,
o doutor e o enfermeiro,
pois ninguém há de faltar!

Vai ter de tudo:
trabalhador, vagabundo,
tudo quanto é ser do mundo,
pra esse jogo virar...
Mas tu não sabe
que mexeu num formigueiro,
nem com todo teu dinheiro
tu consegue se safar!

Carretilha pra Coroa

Encarnada

Caetano Gisi

Eita corona,
ô bestinha malfazeja,
que leva toda beleza
desses dias de acabar.
Tô acamado,
mas já vou logo dizer:
peste não vai me fazer
largar mão desse cantar.

Tem solidão
e raiva de um certo povo,
que tem a ideia de ovo
e nada sabe enxergar.
Estão matando
a esperança do doente,
que quer ter na sua frente
a cama pra se tratar.

Mas não tem jeito
que esses tais são minoria,
quando vier a alforria
eles vão ter que vazar.
Se estão falando
que empatia é coisa antiga,
que esse mundo é tudo urtiga,
esse tempo vai passar.

Quero só ver,
assim que tiver vacina,
o povo lá na piscina
do palácio pra brincar.
Quero o vermelho,
como alguns anos atrás,
eu ainda muito rapaz
no espelho d'água a vibrar.

Foto palavra do que é feio

Otávio Alencar

Vai feito chuva
de cascudo no abestado
do louco desmiolado
que não passa de um nojento.
Mal-assombrado,
não tem cabra mais feioso,
ganha de qualquer sebososo,
vive num constrangimento.

Vence concurso
de quem é o mais otário,
besta-fera sanguinário,
marionete do tormento.
É pau-mandado
dessa elite urubu
que merece um sabacu
feito coice de jumento.

É mesmo o mito
da cambada de estрупícios,
rei dos vermes num hospício
eita homem agourento!
Marmota andante,
Lerdo, doido e ariado,
peso morto e malfalado,
nunca vi mais azarento.

Cabra ridículo,
muito mais vale uma ameba
ou então uma pereba
do que esse rabugento.
Daqui pra frente
pra não continuar lascado
jogue fora o bolsonaro,
mande ver no xingamento.



Coqueiros da Bahia



Sem título

Victor Hugo Rego

Passeei por Salvador,
que belíssima cidade!
Lembro com muita saudade
esse tempo de outrora.
Se eu pudesse iria agora,
pelo mar eu chegaria.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Lembro-me do Pelourinho,
da Baía com encantos
esses de Todos os Santos.
Que visão, meu olho chora,
tem pôr do sol e aurora,
tudo em apenas um dia.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Coco do forasteiro

Dan Marinho

Batalha de mil gigantes
na selva de concretudes.
Oponentes vis e rudes,
amigos de longa andança.
Todo dia uma criança
peleja com um diabo.

*É tempo que corre brabo,
é alma que não descansa.
Carrapeta que só gira,
coqueiro que se balança.
Carrapeta que só gira,
coqueiro que se balança.*

Neste tão lotado trem,
esbarro numa saudade.
Mente faz uma maldade:
lembrança, frevo que cansa,
da noite daquela dança.
Na boca fica quiabo.

*É tempo que corre brabo,
é alma que não descansa.
Carrapeta que só gira,
coqueiro que se balança.
Carrapeta que só gira,
coqueiro que se balança.*

Todo dia esta terra
vive o mesmo apocalipse.
Forma a vida uma elipse
na ponta daquela lança.
Mau conceito não amansa,
pisa firme em nosso rabo.

*É tempo que corre brabo,
é alma que não descansa.
Carrapeta que só gira,
coqueiro que se balança.
Carrapeta que só gira,
coqueiro que se balança.*

Quebrar tudo que é barreira,
por aqui, um dia a mais.
Entre Jah e Barrabás,
não preciso ser profeta,
mas brincando de poeta
sigo firme, não desabo.

Sem título

Marcos Oliveira

Se a morte é nostalgia,
Esta vida é uma lembrança.
Amanhece-se criança,
vai-se quando chega a hora.
Que saudade! Não demora,
vem trazer quem eu queria.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Lembro bem daquela praia,
céu azul, vento e areia.
Lembro até duma sereia,
da caverna onde ela mora.
Se me chama, vou agora
mergulhar nessa magia...

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Pedras vi no meu caminho,
antes desses litorais,
antes dos canaviais,
antes de eu vir-me embora.
Daquelas que a gente chora
de pisar tão dura via...

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Mas o meu lugar querido
é de onde jorra o sangue
mais espesso, lama: mangue,
onde o caranguejo mora.
Todo rio ele devora,
todo mar lhe desconfia.

Um coqueiro pra uma flor

Otávio Alencar

Na viagem o pensamento
que desliza pelo véu.
O silêncio toma o céu
e o sol ponteia a demora.
Enquanto a lua não aflora
de tocaia eu conto os dias.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

A vontade ganha a estrada,
corre solta nesse chão,
pela brasa do sertão
e ainda assim comemora.
Vai contando cada hora
desenhando a melodia.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

O sonho tece a cidade,
nela a beleza que ostenta
e a saudade chega e esquentava
quando vê o olhar da aurora
banhando a rua que outrora
foi berço dessa poesia.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

A lembrança que mistura
a razão com o sentimento,
deságua o amor pelo vento
me levando até a senhora.
Vou no perfume do agora
montado na cantoria.

Um ex-mal-amado

Maurício C. Delamaro

Recusava até beijinho...
Minha vontade era tanta
e ela se dizia santa.
Tinha graça a Teodora!
Depois que eu ia embora,
pra esbórnia ela seguia.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Lembro de outra perfumada
que eu também quis namorar:
se chamava Dagmar.
Essa formosa senhora
sempre me dava um fora,
quando um chamego eu queria.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Pelo menos a Carminda
(que também não me beijava)
não era de ficar brava.
Se padece quem namora,
imagina quem se arvora
mas nunca se delicia.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Minha desdita acabou
quando encontrei Ferdinanda,
que insistente me manda,
sem rodeios e sem demora:
“vai, sim, se quiser amora,
tomar banho todo dia!”

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Nandinha vaticinou
que nada de ailoviiú
com aquele pitiú.
Eis, se limpa e desodora
vou usando a toda hora
para agradar a gurria.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Sem título

Juvenal Verdades

Eu não sei cantar o coco,
Mas sou sujeito atrevido
Que não se dá por vencido;
Se o desafio me espora,
Levanto na mesma hora
E brigo com valentia.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Pois não sei ficar parado.
Fazer verso é minha sina,
Pachorra não me domina,
Preguiça não me namora,
Eu mando a moleza embora
E canto com alegria.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Quem canta os males espanta,
Diz o povo no ditado,
Que eu aqui tomo emprestado
Pra dar um bom passa-fora
Na tristeza que demora
E atrasa a cantoria.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*

Quem quiser cantar mais eu,
Se abanque e entre na roda,
Me acompanhe nessa moda
Que assim a coisa melhora.
Faremos rima na tora
Cantando com galhardia.

*Coqueiro da Bahia,
quero ver meu bem agora.
Quer ir mais eu, vamos,
quer ir mais eu, vambora.
Quer ir mais eu vamos,
quer ir mais eu, vambora.*



Quadros



Sem título

Maria de Souza

O universo, em seu intento,
deu a Terra de provento:
casa, corpo e alimento.
Foi assim desde o começo,
para todo ser vivente,
pedra; planta; bicho; gente.
É por isso que, contente,
neste quadrão, agradeço!

E há quem não acredite,
por isso faço um convite:
sempre que puder, medite,
pois viver é recomeço!
Forças espirituais,
vida dos elementais,
luta, fé e muito mais,
neste quadrão, agradeço!

E, com força soberana,
tem muita gente bacana
no meio da raça humana.
Quer saber? Eu esclareço:
Pra quem alivia a dor,
quem faz tudo com amor,
quem não nega um favor
neste quadrão, agradeço!

Adivinhaças

Eugênio Tadeu

Quero que você me diga,
nos versos de uma cantiga,
caro amigo, cara amiga,
na rima, no pé da linha:
casa de bom parecer,
não há quem saiba fazer,
é semente, é de comer
no quadrão desta adivinha.

A você vou perguntar,
vê se sabe adivinhar:
sem sair do seu lugar
girando a vida inteirinha;
marca tempo, marca dia,
é de muita serventia,
se atrasa, não adia
no quadrão desta adivinha.

Outro mote de charada
vai aqui nessa toada,
de pergunta bem lavrada,
no meio da entrelinha.
Se seu nome é falado,
forte, fraco ou sussurrado,
ele some, é apagado
no quadrão desta adivinha.

O que a tudo destrói,
com três letras bem corrói.
Alegra, mas também dói,
a palavra é sua e minha.
Ela é curta e bem-posta
naquilo que se aposta.
Não querida, é imposta
no quadrão desta adivinha.

Veja bem, preste atenção
nesta linha, esta questão.
Não é fácil, não é não:
um se foi e outro vinha.
Passa no rio e não molha,
não é flor que se desfolha,
ela não vê e não olha
no quadrão desta adivinha.

Responda-me sem demora
a esta que conto agora.
Não a deixe para outrora,
para não sair da linha:
na água que eu me gerei;
lá vivi e me criei,
se lá cair, morrerrei
no quadrão desta adivinha.

E agora desta vez,
com atenção e rapidez;
coragem e calidez,
vou te dar uma mãozinha:
o que têm todas as mães,
os pais não têm, têm os pães;
na Alemanha, os alemães
no quadrão desta adivinha.

Essa aqui é pra valer.
Você vai poder dizer,
com certeza vai saber
a pergunta de agorinha:
o que esteve com a gente,
no momento a gente o sente,
não sabemos seu nascente
no quadrão desta adivinha.

Por aqui você me pisa
Nem me fala, nem me avisa
passa aqui porque precisa,
corre, anda e caminha.
Não saio deste lugar,
não posso nem passear.
Não passo, deixo passar
no quadrão desta adivinha.

A cabeça quando esquenta
fica quente e magenta.
Eu me apago quando venta;
e apagado na caixinha.
Cuspo fogo, incendeio
na beirada e no meio.
Se ardo, não tem volteio
no quadrão desta adivinha.

Me diga sem aperreio,
sem volta, sem devaneio,
direto e sem titubeio.
Tem pendão, não tem espinha.
Tem cabeça e tem dente.
Tem barbicha e não é gente.
Tem um cheiro persistente
no quadrão desta adivinha.

Se você é bem esperto,
muito atento é decerto,
ouça isto que eu disserto,
na pergunta de agorinha:
foi farinha misturada,
foi batida, foi sovada,
morreu levando facada
no quadrão desta adivinha.

A pergunta que eu te faço
é nó, é trama e é um laço,
pois nela eu te embaraço
na sala, copa e cozinha.
Um dia já foi atleta,
enxugar é sua meta,
muita água ele coleta
no quadrão desta adivinha.

Esta é pra terminar,
o que vou te perguntar,
nos versos de adivinhar:
entra e sai de sua casinha,
na fila, no carreirão.
Enche a casa, a sala não,
e não enche a sua mão
no quadrão desta adivinha.

Nonsense

Milton Karam

O sol assa sem ação.
A raça não quer ração.
Ora agora em oração.
Em Gana não me engano.
Eu nunca vou me render.
Em você vou me prender.
Tenho muito que aprender
num quadrão curitibano.

A doença é do ente.
Muito pó tem no poente.
Depois sem ser depoente.
Com licença, é meu nonsense!
Me lembro que o rio ria,
que o frio entrou numa fria,
e que só eu não sofria
num quadrão paranaense.

Festejo onírico com Patativa do Assaré

Teresinha de Oliveira Ledo Kersch

Na festa da natureza,
o poeta, com certeza,
mostra com delicadeza
o singelo do sertão.
Hoje sonhei com cordel,
xilogravura, papel,
flertava com menestrel,
nos oito pés a quadrão.

Encontrei o Patativa,
que na rima nos cativa,
saímos em comitiva,
compondo com emoção.
Fomos à Feira do Crato,
lá tiramos um retrato
e rimamos no formato
nos oito pés a quadrão.

Em seguida fez repente,
eu fiquei toda contente,
parecia adolescente,
auge da empolgação.
Nesse momento acordei,
lembrando tudo chorei;
bardo, de ti falarei
nos oito pés a quadrão.

Quadrão

(Em memória de minha mãe)

Sálua Chequer

'Cê conhece califon,
blusas de malha banlon,
os enfeites de pompom,
corpinho, combinação?
Eu vi minha mãe usar,
horas a se enfeitar,
no espelho se olhar,
garbosa, com emoção.

Tinha a penteadeira.
Lá se olhava faceira,
parte por parte ou inteira
e sentia um prazer
na hora de se arrumar,
com gosto se pentear,
água de cheiro botar,
um deleite de se ver.

Cresci com essa imagem.
Hoje é sonho, miragem,
tenho aqui a coragem
desse tempo me lembrar,
com leveza, gratidão.
São coisas do coração,
movidas pela paixão,
vontade de abraçar.

Um romance Beira-céu

Otávio Alencar

Cai subindo plena e nua
e valsando enfeitada a rua
toda prata que da lua
é preciso imaginar.
Cai do céu e em cortejo
vai de encontro ao desejo
aboindo o festejo
no quadrão que vibra o ar.

Pinta o véu da alvorada
e no azul da revoada
foge toda a madrugada
procurando outro lugar.
Bate asas e enamora
o sertão que ali aflora
por entre os risos da aurora
no quadrão que vibra o ar.

Surge junto do horizonte,
caminhando sobre a ponte
vai beijando cada fonte
que desliza para o amar.
Emanando um brilho intenso
e abraçando todo o imenso
Corre livre e suspenso
no quadrão que vibra o ar.

Traz nos braços o presente,
na raiz o pulso quente
que solfeja no poente
enquanto aquece o olhar.
Segue a brisa cintilante
num arpejo ondulante
que veleja a todo instante
no quadrão que vibra o ar.

19 de abril: que dia é esse?

Cosme Freire Marins

Faz séculos que vieram:
barbaridades fizeram
e doenças nos trouxeram.
Defendo que se insista
pra que o povo resista
à versão falaciosa
de história grandiosa
nos oito pés à paulista.

Depois nos deram um dia
de fato, sem serventia:
parece data vazia
para índio que exista.
Assim, vou dar uma pista:
somos muito diferentes
apesar de convergentes
nos oito pés à paulista.

Mais do que de uma data
que parece insensata
mesmo que escrita em ata
que não quer dizer conquista,
só faz compor uma lista
sem sentido para a gente
e nos deixa descontentes
nos oito pés à paulista.

O que precisa ser feito?
Precisamos de respeito
ao rio, à margem, ao leito;
a tudo que dá na vista
ao passarmos em revista:
os bichos e a floresta,
o ar, e tudo que resta
nos oito pés à paulista.

Mais que um dia, precisamos
de condições, já lembramos,
de vida, qual projetamos
sem o ataque racista
desse governo fascista
e de todos os lacaios
misturados nos balaios
nos oito pés à paulista.

À tia Graça

Edite Colares

Manhã, a casa clareia...
Pingos de água, na teia.
Trovões, raios, chuva cheia,
A casa iluminar.
Minha vó, logo, alardeia.
A tia não saboreia,
e o vento serpenteia,
o telhado a cantar.

A casa acordaria
A vida elevaria
No dia caminharia...
Na chuva poder lavar.
Lembranças de alegria,
no fundo recordaria,
a infância me sorria.
Tempo pudesse voltar!!

A vida celebraria,
sabe muita alegria,
gostou sempre da folia,
tia Graça recordar...
Natal, uma homilia.
A família reunia,
a casa em harmonia
e nós, a nos encontrar.

O tempo cedo mudou.
Ela não mais festejou
Escreveu, venceu, calou,
esperando inspirar.
Palavras ela buscou,
registrando preservou.
Viveu, conheceu, amou.
As Graças vai encontrar.



Romances



Romance da ancestralidade

Rosa Oliveira

Sobre a ancestralidade,
venho aqui romancear
pra saudar meu ancestral
e seu nome registrar.
Porque em minha história,
ocupa um nobre lugar.

Era na Federação
que brincava esse menino.
Descendente de escravos,
quis mudar nosso destino
do povo posto à margem,
urbano e campesino.

O pai era mestre em obras,
a mãe costurava bem
vestidos finos rendados
para os que muito têm.
E assim, esta família
se nutre e se mantém.

Um dos clientes da mãe
o colocou na escola,
onde muitos o tratavam
como digno de esmola.
Viam o menino negro,
como se fosse escória.

O racismo era sem véus.
Numa peça teatral
sempre ele era o diabo,
representante do mal.
Pôs fogo na fantasia.
Vede aqui um grande final!

Betinho dizia a todos
que no período escolar
com um padre comunista
adorava conversar.
Ficando mais decidido,
contra injustiças lutar.

Já dentro da faculdade
foi liderança da UNE.
Foi preciso se esconder
pra ficar vivo e impune.
Seu pai, com sabedoria,
o escondeu sob um tapume.

Durante a ditadura,
foi preso com seus amigos.
Onde é hoje o Ilê,
foi onde foram detidos.
Vede a reviravolta!
Eis a força dos antigos!

Vem o tempo da abertura,
e ele vai pro Parlamento
um deputado federal
pelos que não têm sustento.
Escreve leis e emendas -
total comprometimento.

Escrita a Constituição
fez parte do seu caminho.
Carlos Alberto Caó
ou o menino Betinho.
Há várias outras estórias
para contar com carinho.

O finado

Baseado na história real da minha avó com a avó da minha prima.

Milton Karam

Quando chegou a notícia
começou o alvoroço.
Engoliram por inteiro
o grande prato do almoço.
Que teria acontecido
com aquele pobre moço?

A dura e triste notícia
veio num telefonema.
O combinado da tarde
era ir para o cinema.
Desistiram do programa,
isso não foi um problema.

Repetiram a notícia
para o velho motorista.
Dirigia com prudência,
tão lento quanto um ciclista.
E ouvia as senhoras
feito um psicanalista.

Afinal a tal notícia
deixou tristes tais vizinhas
que saíram tão depressa
e esqueceram as cozinhas.
Mas mesmo com tanto sol
levaram suas sombrinhas.

Já bem perto da notícia,
chegaram ao seu destino.
Desceram do mesmo lado,
viram a cruz do Divino.
Um som se ouvia de longe!
A badalada de um sino.

E de encontro à notícia
entraram lá no velório.
Foram direto pra um canto,
começava o soluçório.
Tanta dor e tanto pranto
que o pesar era notório.

O defunto era a notícia,
como sabem, comovente.
Mas as lágrimas secaram
e olharam pra toda gente.
Não tinha um só conhecido,
nem amigo, nem parente.

Inverteu-se a notícia,
todos olharam pra elas.
Vento bateu no recinto,
apagaram-se as velas.
Elas erraram de porta,
pois tinham outras capelas.

Assim termina a notícia...
saíram bem de fininho.
Foram para a sala ao lado,
direto pra outro cantinho.
Só que desta vez agora
o finado era o certinho.

Romance dos meninos do couro

Eco dos Romances de Cecília Meireles

Juvenal Verdades

(Na entranha do morro
descansa o ouro
que para a ganância
será sempre pouco)

No morro de Santo Antônio,
Passagem de Mariana,
Lá vão meninos e homens,
Comprida fila indiana.
Uns são levados à força,
Outros, movidos por gana.

No morro de Santo Antônio,
Lá vão homens e meninos.
Uns de mãos duras, severas,
Outros de corpos franzinos;
Uns querem ouro e riqueza;
Outros, ao léu do destino.

(Na entranha do morro
de pele escavada
em fundos buracos
o ouro se cala)

Uns levam sonhos dourados,
Outros só levam desdouro.
Uns levam cordas, chicotes;
Outros, sacolas de couro.
Uns, inda ontem, brincavam;
Outros só sonham com o ouro.

Por buracos de sarilho
Descem os corpos miúdos;
Uns têm no rosto o medo;
Outros, semblantes sisudos.
Os homens riem, gargalham;
E os meninos ficam mudos.

(Nos altos do morro,
há nuvens pesadas,
que avisam de chuvas
e falam de águas)

No morro de Santo Antônio,
Homens em louca carreira
Rompem galhos e cipós
(o ouro, na algibeira!),
Fogem da lama que desce
Em espessa corredeira.

Nos buracos de sarilho,
Para sempre encobertos,
Ficam uns pobres meninos
Que, finalmente libertos,
De novo, brincam, esquecidos
De seu destino incerto.

(Da entranha do morro,
em noites de chuva,
a voz dos meninos
no vento que uiva)

A peleja

Jorge Magoo Fortuna

Vou te contar uma lenda,
dum bom gaúcho retado
que ao lado de homens bravos
lutou com muito cuidado
uma peleja final
apostando seu reinado.

As pessoas dos dois lados
vêm chegando pra assistir.
Uma luta inesquecível,
para todos aplaudir.
O vencedor leva tudo,
o último que vai rir.

A peleja tem início,
logo cai a tempestade.
O herói diz: - É agora!
E vai com agilidade.
Já avança para o ataque,
vai rompendo com vontade.

Já são duas estocadas,
o que é uma vantagem...
Mas o inimigo reagiu.
- Temos que buscar coragem!
Diz o gaúcho ferido,
com a sua malandragem.

Eis que do flanco direito
aparece um veterano.
Que do seu tiro cruzado,
mira o ventre do profano.
Surge uma explosão de luz,
com o povo todo insano.

O inimigo enfim deitou,
após bela barrigada.
O herói agora é Rei,
após longa caminhada.
Um viva ao grande guerreiro
e um viva à arquivancada!

Dois amores

Sérgio Lins de Albuquerque

Primeira e sempre única...
Oh! Linda, sempre tão linda,
aqui é nossa República,
que todos chamam Olinda,
que é só para os olhos,
e você já é bem-vinda.

Oh! Linda, sempre tão linda,
subo e desço suspirando,
gozo pleno em teu ápice,
fervo até mesmo frevando,
aqui te encontro plena,
fico sempre delirando.

Oh! Linda, sempre tão linda,
em silhuetas perfeitas,
vejo o mundo de cima,
daqui tudo tu ajeitas,
sol, céu, mar, até o país,
liberdade, tu receitas.

Oh! Linda, sempre tão linda,
quando em nudez, encontro,
trêmulo com tua beleza,
penso já no reencontro,
até nos teus altos montes,
com razão eu desconcentro.

Oh! Linda, sempre tão linda,
tu ficas inda mais linda,
pelas pegadas do destino,
que deu uma menina linda,
romance dos dois amores,
Olinda! E tu, "oh! Linda".

O romance da moça que cantava

Sálua Chequer

Tinha na minha cidade
uma moça que cantava
dramas, reza em procissão;
quase tudo ela entoava.

Esse canto que cantava
pelos cantos ecoava
a tristeza que sentia
e que dela não largava.

Pois o que ela queria,
o que mais ela amava,
era viver nos festejos
que de longe escutava.

Boi roubado, as folias
do reisado agitavam
seu coração de menina
que essas festas alegravam.

E um dia largou tudo,
tudo que lhe abusava
e foi viver nas folias,
era o sonho que sonhava.

O gavião e a bicharada

Eugênio Tadeu

Vou falar com precisão
daquilo que foi um fato.
Foi motivo de barulho,
verdade, não foi boato.
Dois pardais na ribanceira
lá bem perto do regato.

Cada qual em seu poleiro,
ali, dando uma espiada,
na danada, na esbelta
da pardal que era amada.
Ela, de asas sempre abertas
e carinha apaixonada.

Pardolino, muito astuto
deu um pio bem faceiro.
Parlidono, bem esperto,
outro pio bem ligeiro.
Não viram que a Pardalena
havia visto primeiro.

Nisso, bem ali ao lado,
gavião tava escondido,
babando pelo banquete,
no silêncio e sem ruído.
Devagarinho, chegando,
deu um pulo bem sabido.

Os pardais alvoraçados,
cada qual saiu zunindo.
Um caiu na ribanceira,
o outro saiu zumbindo.
A pardal, inteligente,
se safou se esvaindo.

Os bichos em algazarra,
na tamanha confusão,
saíram bem de fininho
com medo do gavião.
Uns ficaram camuflados,
virando estátuas no chão.

Morta de fome, a rapina,
faminta, inquieta e raivosa,
com esses tipos de bichos,
não queria era prosa.
Avançou na bicharada;
não era nada bondosa.

Deu um pulo, abrindo o bico,
não sabia o que a esperava.
Sentiu grande dor na testa
de uma pedra que a alcançava,
da rolinha muito viva,
que em sua asa a levava.

Gavião, envergonhado,
bateu asas, foi embora.
A pardal, a Pardalena,
matutando nessa hora:
- Os pardais não são de nada,
com medo, deram o fora.

Aqui termina essa história
verdadeira! De verdade!
Eu a vi com os meus olhos,
pode ser que não te agrade.
Acredite se quiser,
mas não tenha piedade.

Romance do Encante

Inspirado na cultura amazônica
e na crença popular sobre os encantados.
Esses seres moram em mundo subaquático
– no rio, em igarapés ou no mar –
e levam pessoas que lhes interessam
para o fundo das águas.
Só consegue sair da cidade do encanto
quem se recusa a comer
qualquer alimento oferecido por eles.

Selma Monteiro

Lá na praia da Surpresa,
local de tanta beleza,
teve história de tristeza
que agora vou contar.
A menina inventadeira,
fã de uma brincadeira,
foi brincar na corredeira
e quase ficou por lá.

Não se trata de visagem,
assombração ou miragem
mas é preciso coragem
e ouvir com atenção!
Esta história é verdadeira
Pega um banco, uma cadeira
ou senta aí na soleira,
que eu não me demoro não.

A garota bem contente
esqueceu-se realmente
do perigo existente
nas profundezas do mar.
Com movimentos exatos,
retirou os seus sapatos,
distráida com os patos
lentamente a deslizar.

Entrou na água com fé
mas algo tocou seu pé:
arraia ou Jacaré?
Assustada, afundou!
Parou no mundo abissal,
de encanto fenomenal.
Seu medo era colossal,
mas ela não se afogou.

Avançou meio hesitante,
mas atinou num instante:
“Essa é a cidade do Encante!
É urgente daqui sair!”
Mas era dia de banquete.
com dança do minuete,
queria ela um foguete
pra tentar escapular.

Resistiu e não comeu.
Desejou, mas não bebeu,
O encanto não ocorreu,
e ela pôde, então, sair.
Na volta pra sua cidade,
veio toda a comunidade
inquieta, mas com vontade
daquela história ouvir.

A menina aliviada
explicou: “Fui encantada!”
Abraçou a parentada
e jurou não mais mentir.
E foi com muita altivez
que contou o que viu e fez.
Criou um “era uma vez”
pra alegrar e divertir.

Não se trata de visagem,
assombração ou miragem
mas você teve coragem
e ouviu com atenção!
Isso assim me foi narrado
e não tem nada inventado.
Se você for encantado
não esqueça essa lição.



Décimas de
sete sílabas



Gente que “arteia”

Eugênio Tadeu

O Augusto nos perguntou:
para que fazer poesia?
Para que isso valia?
Esse mote provocou!
Uma ideia borbulhou:
no fazer de um poeta
a palavra é sua meta,
ele a põe em movimento;
na razão do sentimento,
ele expressa o que o inquieta.

A poesia é uma maneira
de mostrar o impossível,
dando vida ao intangível,
gerando uma brincadeira.
Ela é ideia verdadeira,
é palavra bem lavrada,
é tecida e é bordada,
remexendo o pensamento.
Na querela e no alento,
deixa a alma bem lavada.

O que aparece na vida,
no real e na poesia,
tem ou não tem serventia?
Nisso é que o poeta lida.
A palavra é bem-querida,
quando o poeta a traz,
se vasculha e é voraz,
quando o artista a “arteia”;
lhe sobe o sangue na veia,
porque a vida é fugaz.

Décima dos marujos

Selma Monteiro

Neste ano, isolados,
consequimos navegar
no universo popular,
desafiando nossos fados.
E fomos desafiados
por um mar de belezuras,
com causos, com aventuras
que nos deram luz, prazer.
Foi bom criar, aprender
e compartilhar leituras.

Neste grupo, veteranos
sempre apoiam os novatos.
Seus conselhos são sensatos
e previnem os enganados.
Toda terça encontramos
o brincante-general
liderando esta nau,
no comando, mostra o rumo.
Sua aula é suprasumo,
mais parece um sarau.

Desse jeito vamos indo,
“Somos marujos do mar”!
No PC ou celular,
poesia nos nutrindo.
Bem atentos ou sorrindo,
nessas águas nós remamos
e o tédio espantamos,
da rotina escapulindo,
Nossos versos construindo...
Nessa nau nos irmanamos.

Recorte

lurds

Agora chove um rio,
deslizam lépidos peixes.
Decididos como feixes,
vazam o coração frio.
O futuro é sombrio,
faz insana a procura.
Na densa noite escura,
nunca mais haverá Lua.
Bem querer da vida sua.
Existir, esta loucura!

O Carcará

Ewelter Rocha

No céu azul reluzente
Um bicho avoa gritando,
Quarando ao sol, vigiando
Aves, ratos e serpente.
Feito flecha, de repente,
Cuspindo um grito rasgado,
Zunindo que nem machado
Aplica um golpe certo;
Do sertão, melhor arqueiro,
Carcará endiabrado.

Ao Mestre Antonio Nóbrega

Teresinha de Oliveira Ledo Kersch

Caro Nóbrega, Mestre da Poesia,
ensinou essa Arte com paixão,
trouxe rima, aqueceu o coração,
em perfeita cadência e harmonia.
Inundou nossas casas co' alegria,
nesses tempos sombrios e funestos;
suas aulas são puro manifesto
de amor pela Arte Brasileira.
Versos são suas armas na trincheira,
melodia e prosódia seu protesto!

Pra que serve?

Mariana Benchimol

- Pra que serve a ventania?
- Pra jogar folha no chão.
- Pra que serve o coração?
- Pra criar o sentimento.
- Pra que serve o momento?
- Para ser aproveitado.
- Para que dar nó atado?
- Para não perder o elo.
- Em cada instante o belo
- Lá se vão dez a quadrão...

- Pra que serve a escola?
- Para adestrar o ser.
- Para que obedecer?
- Pra não ter que refletir.
- Pra onde vamos seguir?
- Para a revolução.
- Para que a solução?
- Para salvar o planeta.
- Com meu lápis e caneta
- Lá se vão dez a quadrão...

- Pra que serve a Natureza?
- Pra manter a nossa vida.
- Para que tanta corrida?
- Pra responder ao sistema.
- Pra que serve a jurema?
- Pra subir o pensamento.
- Pra que serve o firmamento?
- Pra seguir em um caminho.
- Então sigo de mansinho
- E se vão dez a quadrão...

- Para que serve a música?
- Pra conversar com a alma.
- Para que comer com calma?
- Para perceber o cheiro.
- Pra que serve o formigueiro?
- Para termos bons exemplos.
- Para que vamos aos templos?
- Para o encontro consigo.
- Eu caminho sem perigo
- E se vão dez a quadrão...

Poeta, poesia

Sérgio Lins de Albuquerque

Por que escrevo poesia,
um colega perguntou;
na minha mente ficou,
como em uma cantoria.
Fiquei em analgesia,
quase que fiquei pinel;
mas pra sair desse fel,
dei volta no quarteirão,
rabisquei todo borrão,
rodei que nem carretel.

Não poeta, sou poesia,
a estória começou,
tanto amor, a mãe falou,
infância com maresia.
Caatinga, anestesia,
dos canaviais, o mel,
a vida um carrossel,
ciranda, frevo, baião.
Jamais senti solidão,
tudo veio a granel.

Ser poeta é cortesia,
universo conspirou,
minha mente inspirou,
sempre muita melodia.
Meu mundo uma fantasia,
como em lua de mel,
desejo sempre fiel,
molhando bem o meu chão.
Com fartura de montão,
deu aqui neste cordel.

O Pavão

Ewelter Rocha

Na segura do sertão
um ser de luz aparece,
sua pluma, feito prece,
ilumina a escuridão.
Bordada com precisão,
cada pena profecia
aquarela em romaria,
sabedoria e bondade.
Para os bichos, divindade,
para o sertão, poesia.

Uma singela homenagem aos guardiões da floresta

baseado no filme “A última floresta”,
do xamã Davi Kopenawa Yanomami e
Luiz Bolognesi

Rosa Oliveira

O relógio faz blém-blém.
Nossos quatrocentos mil,
cada um deles que partiu
era o amor de alguém.
Não cabe sentir desdém!
Parece uma encruzilhada
em que a vida ceifada
sobrepõe-se à florescida,
numa ordem invertida,
murcha sem ser germinada.

Já diziam os Yanomami
que comedores de terra
com explosivos ou serra
gerariam um tsunami.
A Europa e Miami
levam o nosso minério
para bancar seu Império.
Vão se embora as florestas,
surgem doenças funestas,
como se fosse mistério!

Colonização total,
uma guerra declarada,
em que a vida ameaçada
causa um impacto global.
Situação vil e amoral,
sobre a qual os guardiões
vivem a nos dar sermões,
pois é muita a ignorância.
E bem maior a ganância
de um bando de sabichões.

Nobre poeta popular

lurds

Roseanamente digo:
o capinar é só. Êita!
Mas coletiva, a colheita!
Mais que mestre, um amigo,
separou joio do trigo.
Fez a prosa da poesia,
encantou a fantasia.
De saudade ninguém morre.
De amigos tome porre!
Na rima... com cortesia.

A história do amor de João e Rosa

Livremente inspirado na história de meus pais

Teresinha de Oliveira Ledo Kersch

Em Taperoá nasceu
João, bravo sonhador;
de Rosa colheu amor,
que em Campina floresceu.
Só então ele entendeu
não importar o lamento
quando se tem o alento
de viver grande paixão.
Tal qual chuva no sertão:
do sofrer, impedimento.

Décimas aos Mestres e brincantes

Sálua Chequer

Viva o nosso Reisado,
pastoril e capoeira,
brincante e brincadeira
dessa terra tão festeira.
Viva a gente guerreira,
da cavalhada e da chula,
do bumba boi e da mula,
que alegra nossa vida.
E mesmo com toda lida,
leva a luz na matula.

Nesse mundo encantado
da cultura popular,
desse reino secular,
tudo sim é valorado.
Também homenageado
por quem gosta da folia
e pela luz que alumia
tem todo o meu amor.
Me expresso com louvor,
Diante dessa magia.



**Martelo
agalopado**



Dom Quixote sem moinhos

Ewelter Rocha

No sertão, canta triste uma mortalha
Praguejando a seca em alarido
Num cavalo, um vaqueiro destemido
Rompe a mata e enfrenta essa batalha.
Sobre estribos, esporas e cangalha
Um cantil no gibão afivelado
No pescoço um rosário cravejado
Cavaleiro entre feras e espinhos
Dom Quixote sem Mancha nem moinhos
Aboiando um martelo agalopado.

São José carpinteiro traz bonança
Batizando a revença salva a rês
Macambiras, paus-d'arco e ipês
Colorindo o sertão de esperança
Quando chove, o sertão é uma festança
Mas ligeira qual golpe de machado
A cauã esbraveja seu recado
Rasga o céu em trombeta de agouro
Seca o rio, a cacimba e morre o touro
Dobra o sino em martelo agalopado.

Se é grande o sofrer e a desventura
Infinita é a fé do sertanejo
No seu olho, um cutelo benfazejo
E no peito, a comenda de bravura
O seu corpo surrado é armadura
Foi por feras e urtigas consagrado
Um arcanjo no sol ajoelhado
Solfejando um bendito, uma incelença
Faz promessa, se benze e pede a bença
Entoando um martelo agalopado.



Galopes à
beira-mar



Romance de Santa Sarah Kali

Maria de Souza

A força cigana tão forte e fecunda,
tem rara beleza em festa praiana.
Do brilho da luz que tem a fé humana,
revela esplendor e comoção profunda.
Nas cores e cantos – que em arte, redunda –
e o gesto tão nobre que é comungar,
a Santa é, então, retirada do altar,
levada no andor por toda a multidão,
pra pousar os olhos ante a vastidão:
pois é conduzida à beira do mar!

Diversas histórias da linda figura
variam, mas tocam no que é verdade:
que só confiança e real humildade
preservam no tempo, fiel, sem rasura.
O fato narrado que ainda perdura:
foi posta com outras numa embarcação,
depois de fugir de uma perseguição,
com mais três mulheres do clã de Jesus.
O fio do destino assim se traduz:
ganhou logo ali especial atenção.

Sem nunca ter visto de perto o santo,
servia na casa dessas três Marias.
Ouviu, sobre ele, nas noites e dias,
Lavou suas vestes, cuidou de seu manto.
E, naquela hora de angústia e pranto,
o barco, à deriva em um mar bravio,
com ventos cruéis, pavoroso assovio.
Chorou Madalena, também Salomé;
até Jacobina foi vista de pé
e, tontas, sentiram soprar o estio.

Nas preces de Sara, por quem foi clamar?
rogou com amor por quem vinha com ela,
e a barca pequena, sem remo, nem vela,
parou em um porto, sem muito tardar.
Olhando da praia, sorriu para o mar:
– O santo ouviu meus pedidos do céu.
Tocou minha cabeça, que cubro com véu.
– Quem viver comigo nunca passa fome
e pode até me chamar pelo nome,
pois gente de bem não navega ao léu.

Na roda da vida, carroça antiga,
feições peregrinas de muitos lugares,
caminham por terras, por rios e mares,
lembrando a fé, que é do mal inimiga.
E levam à praia, alegria e cantiga,
cavalos que trotam, sutil desfilam,
fogueiras e flores, o céu a bailar,
assim agradecem a santa divina.
Na missa cigana, no mar, genuína,
os olhos da santa estão a pousar.

Sem título

Selma Monteiro

O povo daqui é da pá revirada,
faz versos, estrofes encantando a gente.
Viola no saco me atrevo ao repente,
caindo sem jeito nesta embolada.
Digo, meus amigos, um muito obrigada,
que bom esse espaço pra gente brincar,
sorriso sem máscara compartilhar,
ao lado do mestre de tanta nobreza,
que traz a cultura com tanta beleza,
conosco galopa na beira do mar.

O Galope do Carnaval da Saudade

Dan Marinho

Recife está xoxo, não tem alegria,
e hoje já era a subida do Galo.
Amantes de Glória, Segura o Talo,
tá tudo parado pela pandemia.
Não tem mesma graça, é só mais um dia,
e eu tô é lascado de tanto chorar,
mas quando puder, não vou mais parar,
a vida vai ser, toda, só Carnaval.
Chega, minha vacina, espanta esse mal
e vem de galope na beira do mar.

O sonho é de graça, é quase viver.
Com ele resgato minha fantasia.
Não tem Carnaval, mas vai ter poesia,
e a essas alturas, é o que há de fazer.
Eu deixo a memória meu rosto lamber,
volume no alto, meu olho a fechar.
Se a emoção hoje não me matar,
não morro mais nunca, enfrento esse mal.
Com areia, sargaço, água e sal
Revivo a folia na beira do mar.

Na sexta, a Veneza se enfeita todinha.
Rei momo recebe a chave da cidade.
Folia é pra todos, não importa a idade,
dos morros se escuta a evoé ribeirinha
Tem coco de roda e ciranda mansinha
e os cem batuqueiros nos lembram Naná.
Caboco de Lança já corre pra lá,
e eu cá nesse voo, subindo a mil,
indo pro melhor Carnaval do Brasil,
vou desembarcando na beira do mar

Pro Galo, acordo na raça e sem medo,
vem toda a moçada até São José.
Mais de dois milhões pisando em meu pé
e a Baibosada levantando o dedo.
Saudar o calunga, eu vou, mas tá cedo.
Me deito no chão, me levanta o Dragão,
lá vem Cariri, nosso velho turrão.
Lapada de cana até achar pouco.
Olinda, te canto até ficar rouco,
durmo no galope na beira do mar.

Me chega o domingo com uma ressaca,
Saiu Mucha Lucha, me dá uma dor.
Noiados, só chego no fim, que horror!
Eu acho é muito, só vai quem já saca.
Mais tarde em Marcos, sucesso destaca:
tem Eddie, Lenine e Otto a pirar,
Tonheta e Nação também vão começar,
depois de um show de uma banda ruim
que foi colocada lá com um só fim:
ter que reclamar na beira do mar.

Minha deusa Glória separa as flechas
pra toda a gamela se satisfazer.
Lá em Fernandinho, começo a beber
e a pintar de verde todas minhas mechas.
Maestro Lessa, e a maior das orquestras,
faz a multidão inteira flutuar.
Com cabelo de fogo e o hino a tocar,
é frevo de rua, eu lasco meu passo.
À noite, aos tambores, encontro meu laço.
Sou abençoado na beira do mar.

Tem cordão, tem bloco, tem clube e tem troça.
Tem maracatu, samba e caboclinho.
Quando toca o clarim, me arrepio todinho
com essa alegria que é linda e é nossa.
Com a minha cobra não há mais quem possa,
mas sem Carnaval é de desesperar
É um papangu na ladeira a rolar.
Saudade, nós sofre, longe do Elefantes,
Levino, Macuca, bonecos gigantes,
vou de troça em troça na beira do mar

Piscou, já estamos nesta terça-feira.
Levanta, menina, vamo pra Olinda.
Tá chegando a hora que o sonho se finda,
É, mesmo sendo, esta vez, só na doideira.
Já me imaginei por tudo que é ladeira
e no marco zero eu vou terminar,
pulando com Alceu e Spok a tocar,
e com o arrastão eu fecho o cortinado.
No ano que vem, Carnaval é dobrado.
Ele que me aguarde na beira do mar.

Galope de Ogum e Iemanjá

Jorge Magoo Fortuna

Guerreiro valente, do céu e da terra
levanta a espada com força e amor.
Derrota o dragão da maldade sem dor,
brilhante armadura, protege, lhe encerra.
Com força divina triunfa na guerra,
na areia da praia, à luz do luar.
Cavalga nas ondas azuis lá do mar,
seu grito estremece, vencendo demanda.
Feliz vem contente dançando ciranda,
Ogum num galope à beira do mar!

A mãe destas águas, de cor turmalina
protege seus filhos de toda maldade.
Vencendo com fé transmitindo bondade,
da água do mar, sua força salina.
Da luz que irradia, que tudo ilumina,
rainha do amor, Iemanjá lá do mar.
Dançando na areia, fásca de amar,
das lendas Iara, de rios tão claros.
Cantando sereia, encantos tão raros,
eu vi Janaína na beira do mar!

Sem título

Paulo Albuquerque

Poeta Fernando nasceu em Lisboa
mas logo habitou solo sul-africano.
Viveu em Durban e estudou por dez anos
por isso no inglês seu domínio destoa.
Retorna a Lisboa uma nova pessoa
mostrando no verso um talento exemplar.
Foram muitos, ninguém saberá numerar;
com quarenta e sete partiu em viagem
mas não sem deixar antes sua mensagem
de ser o poeta maior de além-mar.



Outros



O Lancelotti brasileiro

Rosa Oliveira

Longe dos contos de fadas,
e das capas adornadas
atua o nosso herói
junto aos que moram na rua
e que a exclusão corrói.

Sua batina, ele usa,
e tem sua fé como musa,
na defesa dos sem-teto,
que faz com sabedoria,
com política e afeto.

A sua batalha difere,
mesmo que ele se esmere
do cavaleiro antigo.
Sua espada é a defesa
do direito ao abrigo.

A fé dele é sem valor,
digam eles o que for,
para os muito poderosos.
Isso já lhe rendeu muitos
inimigos monstruosos.

Para o assombro de muitos,
em meio a podres intuitos,
sofre ameaça de morte,
mas nosso amado Júlio
saiu-se sem nenhum corte.

Mesmo já tendo idade,
era tamanha a maldade,
que ele foi dar marretadas
em obras feitas a mando
de pessoas desalmadas.

Colocou tudo abaixo,
este sim é cabra macho
aquele intento medonho
de impedir que no túnel
se dormisse em sonho.

Nosso herói é assim,
a versão tupiniquim
sem capa e sem espada
persistindo e na luta
pelos que estão sem morada.

Ele não vive em castelos,
cercado de violoncelos,
nem tem servido ao rei
Não defende um brasão,
mas quer cumprida a lei.

Sem a tábua redonda,
ou algo que corresponda,
reis ou algum fidalgo.
Vive abraçado ao povo,
Padre Júlio Lancelotti

Vem, amiga poesia, acalenta minha alma

Variação de Coqueiro da Bahia

Marcos Oliveira

Cochilei: no sonho meu,
doce sono e a tempestade
me acordou numa cidade
repleta da verde palma.
Mas não encontrei vivalma:
todo povo eu engolira.

*Descansei a minha lira
no colo da tua calma.
Vem, amiga poesia,
acalenta minha alma.
Vem, amiga poesia,
acalenta minha alma.*

Nas andanças do meu peito
quase nunca tive abrigo.
Para solidão não ligo,
sou poeta que se acalma.
Minha dor não vira trauma,
minha mente nunca pira.

*Descansei a minha lira
no colo da tua calma.
Vem, amiga poesia,
acalenta minha alma.
Vem, amiga poesia,
acalenta minha alma.*

Batalhei o vão combate
de dizer o que sentia.
Confrontei a luz do dia
com esse verso que te espalma,
te afugenta: tua mort'alma
acertei com minha mira.

*Descansei a minha lira
no colo da tua calma.
Vem, amiga poesia,
acalenta minha alma.
Vem, amiga poesia,
acalenta minha alma.*

O caranguejo

Varição de Coqueiro da Bahia

Alberto Roiphe

Há orquídeas e bromélias,
jacarés de par em par,
no mangue, de rio e mar,
onde há bicho pra chuchu,
de flamingo a urubu,
gaivota e tiê-sangue

*Caranguejo lá no mangue
não é peixe, é aratu.
Põe seus olhos na areia,
só pra ver Aracaju.
Põe seus olhos na areia,
só pra ver Aracaju.*

O mangue de antigamente,
perto aqui do nosso lar,
não me canso de lembrar
era o nosso Grageru
da antiga Aracaju
do vizinho. – Não se zangue!

*Caranguejo lá no mangue
não é peixe, é aratu.
Põe seus olhos na areia,
só pra ver Aracaju.
Põe seus olhos na areia,
só pra ver Aracaju.*

Coqueiro dos primos

Varição de Coqueiro da Bahia

Raquel Coelho

*Tá na hora de contar
quantos primos que eu tenho...
Primo eu tenho, mais que tu!
Quer que eu te empreste um?
Primo eu tenho, mais que tu!
Quer que eu empreste um?*

Só no rio tenho sete!
Dois que trabalham em cinema,
uma de apelido Nena,
outra de nome Maria,
e Toninho, quem diria
sabe tocar e cantar.

*Tá na hora de contar
quantos primos que eu tenho...
Primo eu tenho, mais que tu!
Quer que eu te empreste um?
Primo eu tenho, mais que tu!
Quer que eu empreste um?*

Até em Paris tem primos
e todos falam francês.
Nasceram lá, todos três.
E são todos três artistas,
cantores e desenhistas!
E gostam de farrear...

*Tá na hora de contar
quantos primos que eu tenho...
Primo eu tenho, mais que tu!
Quer que eu te empreste um?
Primo eu tenho, mais que tu!
Quer que eu empreste um?*

E nos States são tantos!
Cada um com seu talento.
São primos de nascimento,
e todos falam inglês!
Digo isso a vocês
sem ter nem que exagerar...

*Tá na hora de contar
quantos primos que eu tenho...
Primo eu tenho, mais que tu!
Quer que eu te empreste um?
Primo eu tenho, mais que tu!
Quer que eu empreste um?*

Mas o lugar onde eu tenho
cinquenta primos pra mais,
lugar dos meus ancestrais,
é Recife, com certeza!
Família grande é riqueza,
motivo de festejar!

Baiana amada

Varição de Coqueiro da Bahia

Jorge Magoo Fortuna

Ela sobe no coqueiro,
pois é baiana retada.
Da pele ensolarada
e criança bem vivida.
Ela vem e me convida
para a noite prateada.

*Se tem coco na cocada
fica doce minha vida.
Ah, como seria bom!
Minha baiana querida.
Ah, como seria bom!
Minha baiana querida.*

Pegue o coco no coqueiro,
quebre o coco na calçada,
nesta noite enluarada,
pois você é atrevida.
Minha linda prometida,
da pele de cor dourada.

*Se tem coco na cocada
fica doce minha vida.
Ah, como seria bom!
Minha baiana querida.
Ah, como seria bom!
Minha baiana querida.*

Sem título

Variação de Coqueiro da Bahia

Maria de Souza

Entrei em uma lojinha
Um disco eu pedi pro moço.
Ele girou o pescoço,
não sabia o que dizer.
Eu me senti um ET,
alguém fora do normal.

Plataforma digital???
Ninguém compra mais CD?
Saudade de ouvir K-7...
saudade do LP!
Saudade de ouvir K-7...
saudade do LP!

Me mostrou no celular
pra eu baixar aplicativo;
“- Isso é autoexplicativo!”
Eu só queria morrer!!!
Como é que eu vou aprender?
Me senti um animal!

Plataforma digital???
Ninguém compra mais CD?
Saudade de ouvir K-7...
saudade do LP!
Saudade de ouvir K-7...
saudade do LP!

Dia desses eu tentei
fazer uma coisa à toa
escolher música boa,
mais vou contar pra você
(alguém há de me entender).
quase que passei mal.

Plataforma digital???
Ninguém compra mais CD?
Saudade de ouvir K-7...
saudade do LP!
Saudade de ouvir K-7...
saudade do LP!



*A experiência,
pelos Rimantes*



Alberto Roiphe	<i>Realizar o curso com o mestre Antonio Nóbrega foi um privilégio, um convite a seguir caminho nas estradas das culturas populares!</i>
Caetano Gisi	<i>A tradição da poética popular brasileira é muito vasta, cheio de veredas e caminhos que penetram por vários cantos dessa Pindorama. O Nóbrega um viajante generoso que subiu os morros e vem indicando os detalhes da paisagem dessa nossa arte. O curso uma riqueza sem par com os colegas a lançar versos do início ao fim do curso, tanto pra saudar os mestres quanto pra desbancar o fascismo que hoje ronda.</i>
Cosme Freire Marins	<i>O curso foi muito importante por algumas razões. A primeira diz respeito aos conhecimentos e ao cuidado de Nóbrega. A turma era heterogênea, tendo verdadeiros poetas entre os cursistas, mas isso não impediu que todos aprendessem e se divertissem. Recomendo a todos que gostam de cultura popular, de poesia ou de desafios. O pessoal de apoio é muito prestativo.</i>
Cristiano Hanssen	<i>Um curso pra deixar todo brasileiro orgulhoso do que tem pra saber e do que tem pra contar.</i>
Dan Marinho	<i>Aulas espetaculares com este grande mestre e ídolo. Troca fenomenal com poetas tão incríveis de vários cantos do país.</i>
Edite Colares	<i>Rica experiência carregada de uma poética popular desenvolvida nas aulas recitais em que Antonio Nóbrega passeava pelo maravilhoso mundo da poesia popular.</i>
Emanuelle Justino	<i>A experiência de fazer o curso Na Rima foi riquíssima, mesmo não sendo tão habilidosa com as palavras como os outros rimantes, senti uma intensa alegria em apreciar quem ama rimar, tendo eu a audácia de também tentar, assim como me incentivou a ler mais poesias... Ainda mais, aprendendo muito com o nosso querido mestre, Antonio Nóbrega. Só tenho muito a agradecer ao mestre e aos rimantes, turma maravilhosa que incentiva muito a criação e percepção poética.</i>

Eugênio Tadeu	<i>A experiência no curso Na Rima foi importantíssima em meu processo criativo. Além de compreender as várias estruturas da poesia popular brasileira, pude levar essa compreensão para o meu trabalho cênico musical dedicado às crianças. O Nóbrega é fera!! A turma foi fabulosa! Somente tenho a agradecer os momentos que vivi no curso!</i>
Ewelter Rocha	<i>O curso proporcionou uma experiência maravilhosa de imersão no universo da literatura popular, com direito a preciosos mimos musicais. Os encontros foram marcados pela generosidade e simpatia do mestre Nóbrega e pela parceria afetuosa dos alunos. Muito agradecido pela oportunidade!</i>
Jorge Magoo Fortuna	<i>Curti demais o curso sobre rimas!! Fiquei encantado com as sextilhas, quadrinhas e redondilhas... Tudo!! Já escrevia poesias, mas sempre de uma forma livre... às vezes com rimas, outras vezes sem rima... e com métrica jamais me preocupei. Mas agora só penso em escrever com rimas... e se possível com métrica. O curso me abriu um leque infinito de opções poéticas!!</i>
Juvenal Verdades	<i>O curso foi maravilhoso. Além dos ensinamentos preciosos do mestre Nóbrega, os participantes acabaram se tornando uma grande família. Vida longa ao projeto e ao Instituto Brincante.</i>
Keyane Dias	<i>Foi uma experiência incrível aprofundar no estudo das métricas e conhecer parte da vasta pesquisa do Nóbrega sobre a poesia. Lamento por não ter conseguido produzir os deveres de casa como gostaria, pois o curso veio num momento de muitas demandas por aqui. Recomendo por demais!</i>
Iurds	<i>O curso Na Rima foi um mergulho num universo que sempre me encantou: a cultura nordestina. Nóbrega foi o mestre de cerimônias desta experiência, a bordo da poesia.</i>

**Marcos
Oliveira**

O curso Na Rima - Poesia Popular Brasileira, com Antonio Nóbrega, oferece um doce passeio pelas formas poéticas populares brasileiras, formas essas que traduzem a alegria e a ancestralidade de tantos brasileiros. O conteúdo é vasto e completo, muito instrutivo, e a condução é simplesmente encantada por Nóbrega em sua melhor forma.

**Maria de
Souza**

Nóbrega foi e é uma grande referência nas minhas escolhas artísticas. O curso, uma fonte luminosa num período bem tenso politicamente no Brasil, no mundo. Pela habilidade do professor e a amabilidade dos colegas, ali uma revolução interna floriu.

**Mariana
Benchimol**

Fiquei muito feliz com a oportunidade de fazer esse curso virtualmente. Me abriu um universo profundo, do qual estou apenas na portinha, dando os primeiros passos. Uma felicidade ter colegas tão talentosos e experientes na turma, além do professor incrível! Ficava muito honrada cada vez que os poemas eram lidos e corrigidos. Aprendi bastante. Uma semente certamente foi plantada em mim, pois sigo escrevendo e, agora, escrevendo em bordados sobre tecidos com impressões botânicas. Novos encantamentos se inauguram!

**Maurício C.
Delamaro**

A gentileza do Nóbrega é do tamanho do seu talento. Os conhecimentos adquiridos e os exercícios realizados durante o curso podem não ter melhorado em nada minha capacidade de poetar, mas me fizeram um apreciador da cultura poética popular muito mais atento e qualificado. Sou grato, deveras.

**Milton
Karam**

O curso Na Rima, ministrado virtual e brilhantemente pelo mestre Antonio Nóbrega, me fez sentir mais brasileiro. Mesmo distante, o maravilhoso conteúdo nos aqueceu e nos aproximou de tal forma que parecia estarmos todos juntos, presencialmente, conversando, sorrindo e nos deliciando com a poesia nossa de cada dia. Docesaudades!

Otávio Alencar	<i>Foi uma das experiências mais felizes que me ocorreram em 2021. Apesar de não estar presente nas aulas ao vivo por conta do trabalho, me divertia muito assistindo e aprendendo com todas e todos. Foi um desafio gratificante e revolucionário. Agradecido ao mestre Nóbrega e a todos os mestres e mestras desse mundão.</i>
Paulo Albuquerque	<i>O curso foi muito rico e aprendemos variadas formas de poesia popular.</i>
Raquel Coelho	<i>Curso supimpa, com uma turma de poetas animadíssima. Aprendi tantas coisas, e escrevi poesias de novo, depois de muitos anos sem escrever em versos. Como são lindas as tradições da nossa poesia popular! Essa viagem teleguiada pelo Nóbrega bateu lá no fundo no coração!</i>
Rosa Oliveira	<i>Quando chegou o cordel na minha equipe, ele reativou minhas memórias poéticas. Mesmo antes do curso, Nóbrega já era nosso professor. E no curso dele, aprendi muito e tive minhas energias renovadas.</i>
Sálua Chequer	<i>O curso Na Rima sempre foi um sonho meu, pois acompanho a carreira de Antonio Nóbrega e é inspirador conviver com tamanho conhecimento. Me moveu a sonhar, ler e entender melhor essa cultura brasileira que tanto admiro e em que acredito.</i>
Selma Monteiro	<i>Sou fã do Nóbrega há anos. A cada show, o trabalho de corpo, a musicalidade, seu carisma e brasilidade transbordavam e regavam o orgulho que carrego de nossas raízes. Quando soube que o curso Na Rima seria on-line, fiquei exultante, pois moro no Rio. Aí descobri o Nóbrega erudito, professor paciente e agregador, que juntou ao seu redor muitos outros e outras artistas, docentes e brincantes, um grupo afetivo e generoso com o qual também muito aprendi. Mais que um curso, um belo circo, cheio de alegria, tradições e poesia.</i>

**Sérgio
Lins de
Albuquerque** *“Nóbrega é sensorial... sou amigo íntimo faz tempo, só que ele não sabe. Fã de carteirinha, além de um espelho onde vou buscar equilíbrio para o mundo real. Sou amigo de parceiros e discípulos dele... Wilson Freire, Helder Vasconcelos, Otávio Bastos, todos me levam a seu imaginário. Tenho vários autógrafos nos CDs comprados nos espetáculos, e por ironia do destino, escrevia poesias livres, sem métrica, sem regras, para as pessoas que me amavam. Agora você reativou, estimulou e me deu teoria para “brincar”, ser “Brincante”... obrigado, eterno mestre”.*

**Teresinha de
Oliveira Ledo
Kersch** *Não sou poeta, mas aventurei-me no curso para compreender melhor o processo de construção da poesia oral. Aprendi muito com as aulas e com os exercícios práticos, pois, além de grande artista, Nóbrega mostrou-se um mestre excepcional, sempre disposto a nos orientar, tirar dúvidas e alargar nosso olhar para a produção cultural brasileira.*

**Victor Hugo
Rego** *Um curso excelente com um professor brilhante!*



Os Rimantes



Alberto Roiphe Rio de Janeiro	<i>Alberto é professor da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).</i>
Caetano Gisi Brasília	<i>Caetano é escrevedor e obstinado em cavar a terra pra jogar sementes e aterrar ideias.</i>
Cosme Freire Marins São Paulo	<i>Cosme Freire Marins é professor. Cinquenta anos. Mora em São Paulo com sua companheira de toda vida e com seu filho (por enquanto). Gosta de estudar as manifestações da cultura popular.</i>
Cristiano Hanssen Porto Alegre	<i>Cristiano Hanssen é músico em Porto Alegre. Cantor, violeiro e violonista. Fazedor e consumidor de música brasileira.</i>
Dan Marinho São Paulo	<i>Dan Marinho é um pernambucano apaixonado pela arte do seu lugar. Em São Paulo, há 11 anos trabalhando com publicidade e tecnologia, conecta-se com sua terra através de versos e acordes de saudade.</i>
Edite Colares Fortaleza	<i>Edite Colares Oliveira Marques iniciou-se como brincante pelas brincadeiras populares, com a criação de brinquedos artesanais e através dos brinquedos cantados, envereda pelas artes comunitárias através das festas populares vivenciando maracatus, cocos, pastoris e reisados, como brincante, professora de artes, agente de cultura popular e educadora; pesquisa e vivencia as manifestações culturais brasileiras em toda sua riqueza e diversidade na formação de professores.</i>
Emanuelle Justino Natal	<i>Emanuelle é professora de Educação Física de escola pública, mestra em Educação Física (PPgEF/UFRN) e doutoranda em Educação (PPgEd/UFRN). Ela gosta de viajar, dançar, ver filmes, ouvir histórias e pesquisar sobre corpo, arte e cultura.</i>

Eugênio Tadeu

Belo Horizonte

Eugênio Tadeu é professor aposentado Escola de Belas Artes da UFMG; integrante do grupo Serelepe; membro do MOCILYC, do MOVMI, ABRACE; integrante da Rede Voz e Cena e da Rede de Radialista do MOCILYC; Integrou o Duo Rodapião; idealizou e coordenou o Panda-lê: laboratório de brincadeiras – CP-UFMG.

Ewelter Rocha

Fortaleza

Ewelter Rocha é graduado em Música (UECE), mestre em Etnomusicologia (UFBA), doutor em Antropologia Social (USP). Apaixonado pela cultura popular e pelas artes e almas do povo do sertão. Um poeta brincante, um cantador aprendiz e um pesquisador por vocação. Professor da Universidade Estadual do Ceará e do Mestrado em Artes do IFCE.

Jorge Magoo Fortuna

Teixeira de Freitas

Jorge é carioca da gema, nascido em Vila Isabel (berço do samba) e criado no Méier (capital do subúrbio carioca). Atualmente (e para sempre) baiano de coração, corpo e alma. Também conhecido como Magoo Fortuna ou Professor Magoo ou simplesmente Magoo pelos amigos e amigas. Biólogo e médico veterinário. Tem um grande orgulho de ter ministrado aulas de Ciências e Biologia para o Ensino Fundamental e Médio dos sistemas público e particular de 1993 até 2005. Desde 2006 é Professor Adjunto da área de Microbiologia do curso de Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X (Teixeira de Freitas-BA). Ama as poesias de Florbela Espanca e as letras inquietantes do grande Renato Russo. Admirador confesso do grande Mestre Antonio Nóbrega!!

Juvenal Verdades

Divinópolis

JUVENAL VERDADES é o pseudônimo que Juvenal Bernardes usa para assinar seus cordéis. Juvenal é professor de literatura, palhaço, contador de estórias e escritor. Vive em Divinópolis, MG, onde desenvolve seus diversos projetos culturais: ocupação de praças com eventos culturais, divulgação de livros e estórias populares, principalmente para crianças.

Keyane Dias

Taguatinga, Brasília

Keyane é semente da Caatinga, nascida no Cerrado de Taguatinga (DF), vivente do mundo. É poeta, jornalista cultural e praticante de yoga e capoeira angola. Há mais de 10 anos, foi iniciada em manifestações de tradição oral que seguem transformando sua visão de mundo, cofundando a Pareia Comunicação e Cultura. Aprende e compartilha a corporeidade filosófica do yoga e das sabenças em saúde e cura que vivencia pelos brasis. Transborda tudo através da escrita, publicando em livros, folhetos de cordel e outras reinvenções literárias. Escreve no www.aflora.art.br.

lurds

Curitiba/São Paulo

lurds (Luiz A. Fernandes) nasceu caipira em Marília. Com 19 anos foi pra Sampa, virou geólogo e pesquisador do IPT. Muitos anos depois tornou-se professor da UFPR, em Curitiba. Sempre admirou tudo que é arte... coisas feitas por gente. Por exemplo: música, poesia, teatro, carnaval, cinema, dança, fotografia. Tentou fazer um pouco de tudo, mas só fez mesmo foi aperfeiçoar seu modo de degustá-las. E ter cada vez mais respeito por quem faz artes.

Marcos Oliveira

São Paulo

Marcos Oliveira, 40, é advogado em São Paulo/SP. Nascido em Recife/PE, vive há mais de dez anos na pauliceia desvairada, onde teia literaturas e imagina escritas.

Maria de Souza

Jequié

Maria é mãe de Monã e é casada com Mônica com quem criou um bloco de carnaval de rua e um coletivo de teatro em Jequié, na Bahia. Fez mestrado e doutorado em Artes Cênicas com foco em canto, dança e batuque de expressões populares brasileiras. É professora das Licenciaturas em Teatro e em Dança na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mulher de teatro: atriz, dramaturga, diretora, musicista e rimante.

Mariana Benchimol

Paraty

Mariana Benchimol é mãe, educadora, formada em pedagogia, oceanografia e mestre em geografia. Apaixonada pela natureza, pelo Brasil profundo e pela cultura popular, sempre sonhou em aprender mais sobre o universo das rimas, seus cantos e escritas. Moradora de Paraty, aproveitou a oportunidade do curso virtual para essa aprendizagem.

Maurício C. Delamaro

Guaratinguetá

Maurício quase foi engenheiro. É professor. Antifas de nascimento. Ama todas as Arminhas Eugénias que até hoje conheceu. Caipira. Mora num sertão paulista rançosamente escravocrata. Voltou a escrever poesia depois de muito tempo; sem grandes melhoras mas se divertindo muito mais.

Milton Karam

Curitiba

O curitibano Milton Karam nasceu em 01/01/1961. É arquiteto, compositor de canções para crianças e escritor de livros infanto-juvenis. Ainda tem um dente de leite que o mantém numa infância constante. Adora jogos e brincadeiras, principalmente com as palavras: “Se um livro me prendesse, eu jamais me livraria”.

Otávio Alencar

Juazeiro do Norte

Otávio Alencar é instrumentista e compositor. Nascido e criado em Juazeiro do Norte - CE onde se reencontrou no início de 2019 com a natureza da cultura popular, foi paixão à segunda vista. Desde então, vem bebendo muito desse sumo que é a poesia e suas mil formas populares nordestinas.

Paulo Albuquerque

São Paulo

Paulo Albuquerque é graduado em Letras, tem 33 anos e vive em São Paulo. Gosta de diversas manifestações artísticas, como música, poesia e cinema.

Raquel Coelho

San Francisco, EUA

Raquel Coelho é escritora e ilustradora de livros infantis, que publica no Brasil. Suas ilustrações são feitas com bonecos e objetos pra lá de interessantes! Reside na Califórnia, onde trabalha como animadora. É também professora universitária da San Jose State University, onde ensina Animação e Ilustração.

Rosa Oliveira

Rio de Janeiro

Rosa Oliveira é psicóloga, 'baianoca' e teve a sorte de se reinventar profissionalmente quando criou um Projeto de Extensão na UFRJ que trabalha com diversas linguagens junto a grupos expostos a situações sistêmicas de exclusão. E este trabalho não se faz sem a poesia!

Sálua Chequer

Salvador

Sálua nasceu em Ibirataia, interior da Bahia. Sempre teve grande paixão por tudo que o povo inventa pra celebrar a vida. Foi estudar em Salvador, onde fez licenciatura em Música e em Produção de Eventos. Tem mestrado em Arte, Educação e Cultura. Atualmente, coordena os projetos culturais do Colégio Antonio Vieira.

Selma Monteiro

Rio de Janeiro

Selma Monteiro Correia trabalha com educação e leitura há mais de 20 anos e é escritora. Na escola Oga Mitá, como dinamizadora da biblioteca, busca disseminar o gosto pela leitura e demais manifestações artísticas. Tudo que diga respeito a cultura (especialmente as dos povos tradicionais), pesquisa, história e gente também lhe interessa. Nesta quarentena, decidiu juntar tudo isso e navegar nas ondas da poesia popular.

Sérgio Lins de Albuquerque

Olinda

Sérgio Lins, 395 anos de experiências vividas. Triatleta, engenheiro, auditor, remador, judoca, capoeira, praticou hipismo, é passista, carnavalesco, peregrino, sertanejo, mecânico, encanador, eletricista, marceneiro, lavador de pratos, colecionador de arte popular, pai de Marcella e Fernanda, 32 e 31, e de Jorge, 7, casado com “Oh! Linda” Roberta. Hoje poeta, poesia e louco. É tudo, ou nada. Vive no mundo da Lua.

Teresinha de Oliveira**Ledo Kersch**

São Paulo

Teresinha de Oliveira Ledo Kersch é mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP e graduada em Letras e Pedagogia pela USP. Atua no ensino de Língua Portuguesa e Literatura há mais de 20 anos. Pesquisa a obra de Ariano Suassuna, escritor com o qual realizou entrevista, publicada pela EDUFBA no livro “Oralidades entre costuras do tempo”.

Victor Hugo Rego

Rio de Janeiro

Victor Hugo Rego é especializado em música e tem uma paixão pela literatura e em especial pela poesia e rima. Começou a se aventurar a escrever e conhecer mais profundamente sobre esse universo através do belíssimo curso Na Rima, ministrado por Antonio Nóbrega.



1. DAN MARINHO
2. SÁLUA CHEQUER
3. JUVENAL VERDADES
4. CAETANO GISI
5. RAQUEL COELHO
6. MARIA DE SOUZA
7. KEYANE GOMES DIAS
8. COSME FREIRE MARIN
9. OTÁVIO ALENCAR
10. SELMA MONTEIRO
11. VICTOR HUGO REGO
12. ALBERTO ROIPHE
13. MARCOS OLIVEIRA
14. TERESINHA DE OLIVEIRA
LEDO KERSCH

15. MAGOO FORTUNA
16. EUGÊNIO TADEU
17. MILTON KARAM
18. EMANUELLE JUSTINO
19. MARIANA BENCHIMOL
20. CRISTIANO HANSSSEN
21. EDITE COLARES
22. PAULO ALBUQUERQUE
23. EWELTER ROCHA
24. MAURÍCIO DELAMARO
25. SÉRGIO LINS DE ALBUQUERQUE
26. ROSA OLIVEIRA
27. LURDS (LUIZ ALBERTO FERNANDES)
28. ANTONIO NÓBREGA